

DIMDUM

RAQUEL ABE

UMA NARRATIVA GRÁFICA COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título
de Bacharel em Design.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN
RAQUEL MARIANE ABE

DIMDUM:
UMA NARRATIVA GRÁFICA COMO
FERRAMENTA DE EXPRESSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
Orientação: Prof^a. Dr^a. Priscila Lena Farias

SÃO PAULO

2023

resumo

O presente trabalho apresenta uma história em quadrinhos elaborada a partir de uma narrativa autobiográfica subjetiva sobre a experiência da autora no ambiente da faculdade. Neste documento estão contidas as etapas de desenvolvimento do projeto, desde o desenvolvimento metodológico, análises e estudos de estilos e possibilidades. Inclui também relato sobre o desenvolvimento da HQ e uma reflexão sobre o processo e os resultados obtidos.

Palavras Chave: Design, Histórias em Quadrinhos, Expressão, Autobiografia.

sumário

resumo	3
introdução	5
motivação	10
justificativa	11
objetivos.....	13
inspirações visuais e narrativas.....	15
outras inspirações.....	30
métodos e procedimentos.....	33
experimentos visuais	39
roteiro.....	47
tipografia.....	54
rafes e rascunhos	55
paleta cromática	57
desenvolvimento.....	58
resultados	62
argumento	63
discussão + considerações finais.....	64
referências bibliográficas	66
anexo I.....	68

introdução

De acordo com Mayer (2014) uma das características dos humanos é a capacidade e necessidade da nossa espécie de transmitir informações, conhecimento, experiências, emoções e tudo quanto mais a nossa subjetividade nos permitir em forma de histórias. E desde muito antes da tecnologia atual, registrar essa comunicação sempre foi algo presente nas nossas vidas, como pode ser observado nas pinturas rupestres, por exemplo. Essas pinturas já continham um grande potencial comunicativo ao retratar caçadas, cenas do cotidiano e outros elementos importantes para as comunidades primitivas (Figura 1) — são nossas primeiras narrativas visuais (British Museum, 2019).



Figura 1. Esta cena foi interpretada como mostrando os preparativos para um casamento. Fonte: British Museum (2019)

Conforme Mayer (2014), narrativas podem capturar e transmitir não apenas a realidade objetiva, mas também as experiências e perspectivas individuais de seus criadores — suas subjetividades — e despertar no outro uma série de outras emoções. Entre as diversas formas de expressão, qualquer uma das conhecidas “sete artes” tem seus pontos fortes e fracos em relação às possibilidades de traduzir e registrar a complexidade do pensamento e da vivência humana. Mas, no final do século XIX, iniciava-se o que hoje se chama de “nona arte”¹: as histórias em quadrinhos. Desde o final do século XX as histórias em quadrinhos têm se destacado como uma mídia rica e versátil, capaz de transmitir de forma única as nuances de uma narrativa. Elas podem ser classificadas de acordo com suas características formais (Novelas Gráficas, Tiras, Webtoons, Mangás...) e gênero narrativo — tal qual a literatura — ficção, drama, romance, autobiografia (McCloud, 2006: p.246 e p.224).

¹ Termo utilizado pela primeira vez para se referir aos quadrinhos pelo crítico de cinema Claude Beyle, em 1964, num artigo escrito para a revista *Lettres et Medecins*.

Neste trabalho, exploro na prática a intersecção entre histórias em quadrinhos, expressão artística e autoconhecimento. Meu objetivo foi compreender como os quadrinhos se tornaram uma plataforma para a expressão pessoal, a construção de narrativas íntimas e a exploração da relação entre “eu” e “outro” — em especial quando o outro é outra versão de nós mesmos. Através da análise de obras autobiográficas em quadrinhos e do estudo de teorias pertinentes, investiguei as estratégias artísticas e textuais utilizadas pelos autores de quadrinhos para transmitir suas experiências pessoais, emoções e visões de mundo, bem como as formas pelas quais eles representam e abordam esta alteridade consigo mesmos.

Ao combinar elementos visuais e textuais, os quadrinhos permitem que os autores criem uma experiência imersiva, abrindo um universo de emoções, histórias e perspectivas para o leitor. Nesse sentido, a expressão nos quadrinhos tem o potencial de transcender a mera representação visual, tornando-se um meio para a autorreflexão, a autodescoberta para o autor e leitor, além de um meio para a conexão emocional com os receptores das mensagens ali mostradas em forma de desenho e texto. Tive evidências desta dinâmica com meu trabalho na internet nos últimos cinco anos, onde utilizei a linguagem dos quadrinhos para lidar com as questões emocionais desse tempo, inclusive da pandemia. Publiquei estas tiras em redes sociais (Figuras 2 e 3) e obtive respostas e interações inesperadas com leitores na internet (Figura 4 e 5), que se identificaram com sentimentos, pensamentos e se sentiram validados, de alguma maneira.

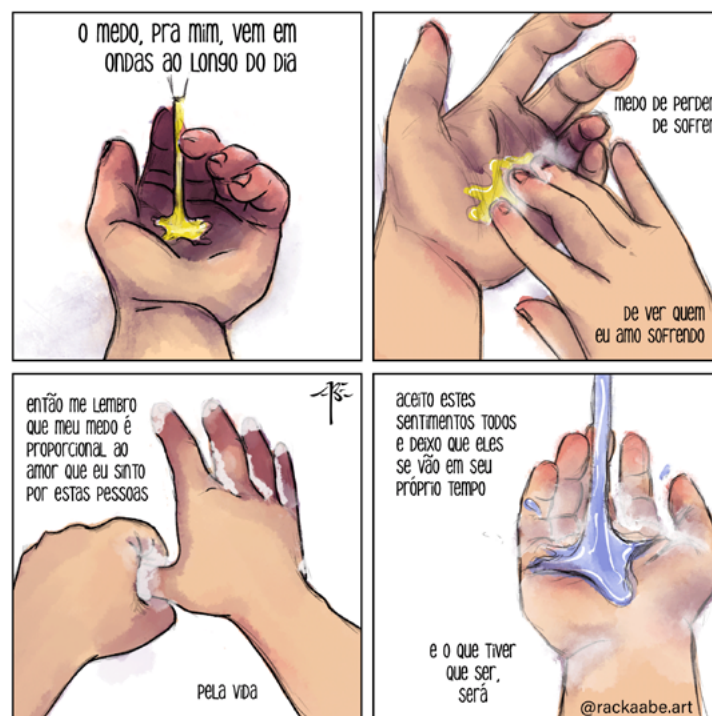


Figura 2. Tira publicada no Instagram em março de 2020.



Figura 3. Tira publicada em 2019 nas redes sociais

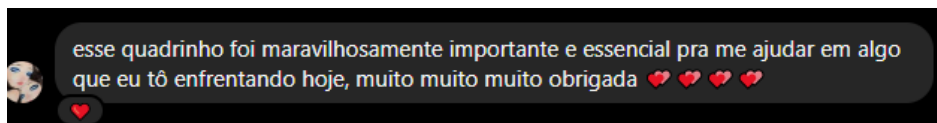


Figura 4. Mensagem recebida por mim em rede social em 2020, referente à tira da Figura 2.

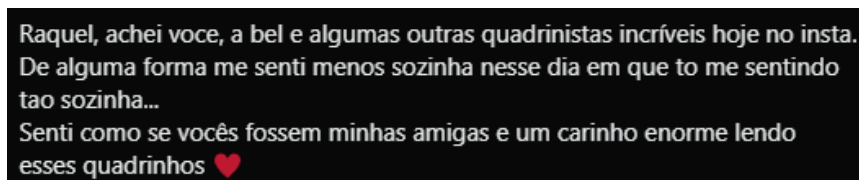


Figura 5. Mensagem recebida por mim em rede social a respeito da tira publicada em 2019 (Figura3).

Na análise que Zouvi (2015) faz da obra de Alison Bechdel, fica evidente que a subjetividade desempenha papéis fundamentais na criação das narrativas da quadrinista, também. Através da construção de personagens, narrativas, escolhas de ângulos e estilos visuais específicos, os quadrinistas podem transmitir suas ideias sobre temas como identidade, memória, experiências e até mesmo questões sociais. Os quadrinhos feitos desta forma nos convidam a refletir sobre nossa própria identidade, assim como a compreender e apreciar a singularidade e complexidade das subjetividades daqueles que são diferentes de nós.

Ao longo deste trabalho, examinei obras e abordagens que se destacam como narrativa gráfica: seja por sua expressão artística; pela representação da subjetividade; pelo desenvolvimento de alteridade ou de empatia durante a leitura. Explorei como diferentes artistas utilizam os recursos visuais e narrativos dos quadrinhos para transmitir experiências. Por meio desta pesquisa, espero contribuir para o entendimento das histórias em quadrinhos como uma ferramenta poderosa de expressão e reflexão, além de exercitar a aplicação intencional de conceitos do design que tive acesso durante os anos de graduação.

A categorização das narrativas gráficas não importa o suficiente para que eu desenvolva aqui sobre serem ou não design em si próprias, porque não é possível negar que existem preocupações adjacentes à prática dos quadrinhos e do design. Para o Design e as HQs existe uma metodologia de pesquisa, planejamento e execução que podem ser bastante semelhantes. Ambas envolvem a seleção cuidadosa de elementos visuais, como cores e fontes; a organização estratégica de informações; a criação de uma sequência coerente e a consideração do público-alvo (SAMARA, 2010 p.13; MCCLOUD, 2006; EISNER, 1999). Além disso, uma busca pela comunicação efetiva, pela expressão ou representação de ideias e muitas vezes pela criação de uma experiência estética significativa.

Portanto, neste trabalho, não me detenho nesta discussão e ao invés disso, reconheço as características que permeiam tanto a prática dos quadrinhos quanto do design gráfico. A abordagem adotada é a de reconhecer as similaridades metodológicas e conceituais entre essas duas linguagens, a fim de compreender sua interação e sua contribuição para a criação de narrativas visuais.

motivação

O Trabalho de Conclusão de Curso é um esforço do aluno em compilar seu aprendizado durante o curso, e em conjunto com seus interesses pessoais e profissionais, produzir algo que converse com esses três aspectos. No meu caso, o aprendizado que obtive na faculdade não se detém ao conteúdo acadêmico. Ao longo da minha jornada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (e Design) da USP, percebi que o prédio da instituição desempenhou um papel central na minha vida, não apenas como um espaço físico, mas também como um espaço de desenvolvimento emocional e um ponto de referência que carrega a minha história familiar.

A presença desse edifício na minha história pessoal despertou um desejo de explorar sua importância simbólica e os impactos que ele teve no meu desenvolvimento ao longo dos anos frequentando-o, que foram muitos: ao escrever esta monografia, completarei meu 7º ano de vínculo com o curso de design (5, se descontarmos os anos de pandemia...), mas será o 13º ano desde que me matriculei em arquitetura — que cursei até a transferência para o presente curso. Mas este será meu 35º ano de vínculo existencial, uma vez que fui concebida por estudantes da FAU e já circulava em 1988 pelo edifício — usando o ventre da minha mãe como veículo.

Me propus, então, a realizar uma investigação e práxis de histórias em quadrinhos como expressão artística, explorando sua capacidade de transmitir experiências e a relação entre a subjetividade do autor e a alteridade com esta versão do passado de si próprio presente nas narrativas. Através da criação de uma história em quadrinhos que retrata meu próprio desenvolvimento emocional durante a faculdade, pretendo mergulhar nas possibilidades criativas dessa forma de comunicação e compartilhar minha experiência pessoal de maneira visualmente satisfatória.

justificativa

Eduardo Bericat, sociólogo pesquisador, escreveu: “como seres humanos, nós só podemos experimentar a vida emocionalmente²” (BERICAT 2012: p.1). Eu, desde cedo, tinha uma intuição sobre a importância do autoconhecimento para nosso desenvolvimento pessoal, que com o tempo, se desenvolveu para uma quase convicção deste ser um elemento essencial na construção de uma sociedade mais empática. Se as emoções são as lentes através das quais experimentamos o mundo, precisamos conhecê-las — de suas origens às consequências — para entendermos e sermos agentes de alguma transformação em nós mesmos e no nosso contexto social.

Minha intuição foi fortalecida ao entrar em contato com autores como Michel Foucault, Heidegger, Paulo Freire e Brené Brown, que exploraram as dimensões desse tema e como ele impacta as interações humanas e a transformação social. Inspirada por suas ideias e pela minha trajetória pessoal, surge a justificativa para realizar este trabalho de conclusão de curso. Estes autores são de áreas muito diversas do conhecimento — Filosofia, Educação e Serviço Social — e possuem produções bastante extensas. Por isso, escolho falar brevemente e panoramicamente sobre os pontos comuns de seus trabalhos que interessam aqui: não é o intuito deste trabalho discutir em profundidade este tema, mas adotar esta perspectiva de que o autoconhecimento é um ingrediente necessário para a mudança individual e social.

Michel Foucault (1997 p.287) compreende o autoconhecimento como uma prática de resistência e libertação: ao conhecermos a nós mesmos, somos capazes de questionar e desafiar as normas e estruturas de poder que permeiam nossa sociedade. O autoconhecimento nos permite romper com os padrões opressivos e buscar uma transformação social baseada na autonomia e na liberdade individual.

Já as contribuições de Paulo Freire (1967 p.36) acrescentam uma dimensão educacional ao entendimento do autoconhecimento como uma ferramenta de empoderamento social, mas essencialmente tem um ponto de vista parecido com o de Foucault: ao nos tornarmos conscientes de nossas próprias realidades e ao desenvolvermos reflexões críticas sobre nós e nossos contextos, podemos nos posicionar como agentes de mudança. A auto-reflexão nos capacita a agir de forma mais consciente e responsável em nossa comunidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2 as human beings we can only experience life emotionally

De acordo com Bonevac (2019), Heidegger também aponta para a importância do autoconhecimento como um caminho para a compreensão de nossa conexão com o mundo e com os outros seres humanos. Segundo Bonevac (2019), Heidegger argumentava que somos seres em constante relação e interdependência com o mundo ao nosso redor, e que o autoconhecimento nos ajuda a compreender essa relação de maneira mais autêntica e responsável.

Por fim, a abordagem de Brené Brown (2016) enfatiza a importância da vulnerabilidade e da autenticidade no processo de autoconhecimento. De acordo com seus estudos, ao nos permitirmos ser vulneráveis e autênticos podemos criar espaços de conexão genuína e promover uma cultura de empatia e compreensão mútua (BROWN, 2016: p.104). Essa abordagem ressalta como o autoconhecimento pode desempenhar um papel crucial na construção de relacionamentos saudáveis e no consequente fortalecimento do tecido social.

Diante de todas essas perspectivas e do meu profundo convencimento sobre o poder desta ferramenta para o nosso desenvolvimento como sociedade, este trabalho de conclusão de curso se justifica como uma oportunidade de explorar, por meio das histórias em quadrinhos, o meu próprio processo de autoconhecimento.

objetivos

Os objetivos deste trabalho de conclusão de curso são multifacetados e abrangentes, mas em termos de produto final, estabeleci como propósito principal desenvolver uma história em quadrinhos composta por pequenos contos baseados em minha própria narrativa e experiência emocional dentro da faculdade. Contos estes baseados em registros, mas também memórias, pensamentos e sentimentos, costurados principalmente pela FAU como pano de fundo, tornando-a uma espécie de personagem silenciosa destas histórias.

Uma das principais metas foi explorar visualmente essas narrativas utilizando diversos métodos e técnicas de desenho e pintura, tanto digitais quanto analógicos. Dessa forma, pretendi aplicar estilos gráficos que servissem como suporte para a narrativa. Busquei, assim, garantir que a expressão visual fosse capaz de enriquecer a experiência dos leitores, transmitindo de maneira autêntica e impactante as emoções, pensamentos e vivências compartilhadas ao longo da trajetória no prédio da faculdade. Ao mesmo tempo, não houve intenção que estas técnicas fossem protagonistas da experiência de leitura. Elas foram consideradas parte de um todo que é o produto final aqui apresentado.

Além da exploração visual, foi fundamental investigar a interação entre a narrativa em quadrinhos, o design gráfico e a expressão artística como um todo. Foi necessário compreender como a combinação de elementos visuais e narrativos pode transmitir as complexidades da experiência humana. Dessa forma, pretendi estabelecer um diálogo entre essas disciplinas, explorando seu potencial criativo e comunicacional.

Apesar do intuito da realização de uma narrativa que pode ser compreendida como autobiográfica, não houve pretensão em retratar uma “realidade perfeita”. Primeiramente porque, ao depender da minha experiência, memória e registros, tudo o que é falado de mim, por mim, é permeado pela minha percepção de mim mesma, que não necessariamente corresponde à uma realidade objetiva. E, em segundo lugar, acredito que um dos valores de uma narrativa autobiográfica está justamente nesta percepção e, por vezes, na própria discussão entre memórias e fatos. Por isto é que tomei a HQ como uma ferramenta e resultado da expressão da minha experiência interna e emocional, e não um registro.

Em resumo, este trabalho de conclusão de curso visou criar uma história em quadrinhos que capturasse não apenas minha jornada objetiva nesta faculdade, mas em especial a subjetividade desta jornada de amadurecimento, assim como a essência da FAU como

um espaço carregado de experiências pessoais e coletivas, utilizando as ferramentas — práticas, teóricas e emocionais — que adquiri durante a graduação como meios de fortalecer minha transição entre “eu estudante” e “eu bacharel”.

inspirações visuais e narrativas

Apresento aqui obras de diversos autores que me serviram de referência desde o início do meu trabalho. Entre eles, dois se destacam pela consistência da linguagem visual combinada à narrativa complexa e capacidade expressiva do traço combinada à uma narrativa mais direta: Alison Bechdel (figuras 6 a 11) e Mario Cau (figuras 12 a 21) respectivamente.



Figuras 6 e 7. Capas das edições brasileiras de *Fun Home* (2016) e *Você é minha mãe?* (Bechdel 2013), de Alison Bechdel.

A norte-americana Alison Bechdel se formou como historiadora de arte em 1981 mas passou a atuar como quadrinista em 1983, escrevendo tiras para diversos jornais e atuando na cena dos quadrinhos *underground* americanos. Ela publicou, entre outras obras, *Fun Home: uma tragicomédia em família* em 2006 (figura 6) e *Você é minha mãe?* em 2012 (figura 7). Ambas são o que ela chama de *memoirs*: livros gráficos de memórias. Se tratam dos relacionamentos de Bechdel com seu pai e sua mãe, respectivamente. As duas obras são narrativas complexas permeadas por reflexões sociais e políticas, e são atravessadas pelas questões de sexualidade, gênero, relacionamentos e família. Seu conteúdo textual é rico em referências, profundo e extremamente introspectivo. Como demonstrado nas Figuras 3, 4 e 5 é comum que ela cite textos literários, filosóficos e psicanalíticos e relacione-os à própria experiência (ZOUVI, 2015: p.92, p.100).

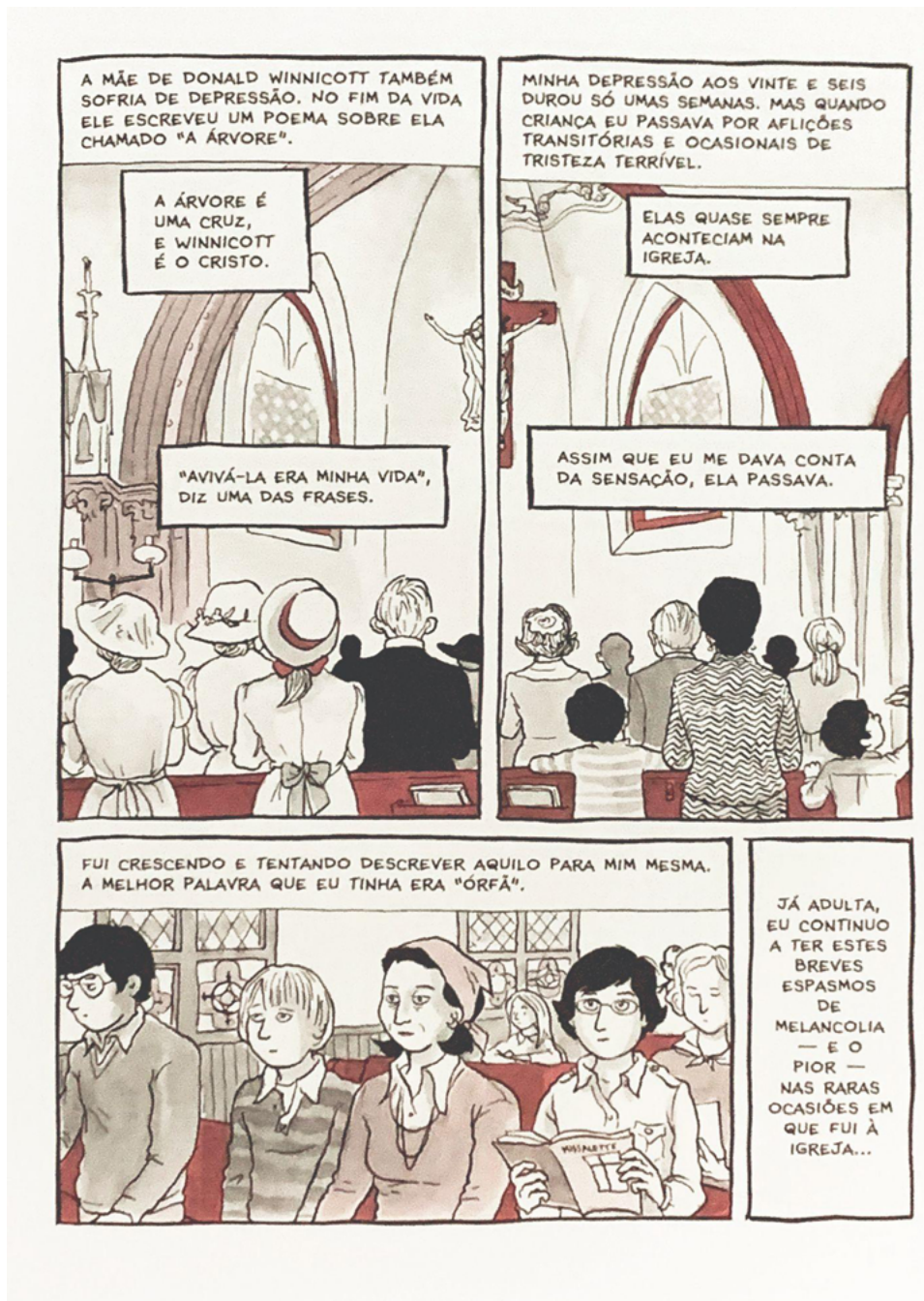


Figura 8. Exemplo de Bechdel comparando sua experiência ao de seu objeto de estudo, Donald Winnicott, em *Você é minha mãe?* (Bechdel 2013).

Visualmente, ela utiliza uma porção de elementos adicionais para enriquecer a narrativa, como caixas de texto com setas, que apontam para certos detalhes específicos nas ilustrações. Essas setas funcionam como um guia para o leitor, direcionando sua atenção para elementos relevantes da cena ou destacando informações importantes. Ela incorpora um infográfico sobre autores que ela estudou enquanto escrevia *Você é minha mãe?* (Figura 4).

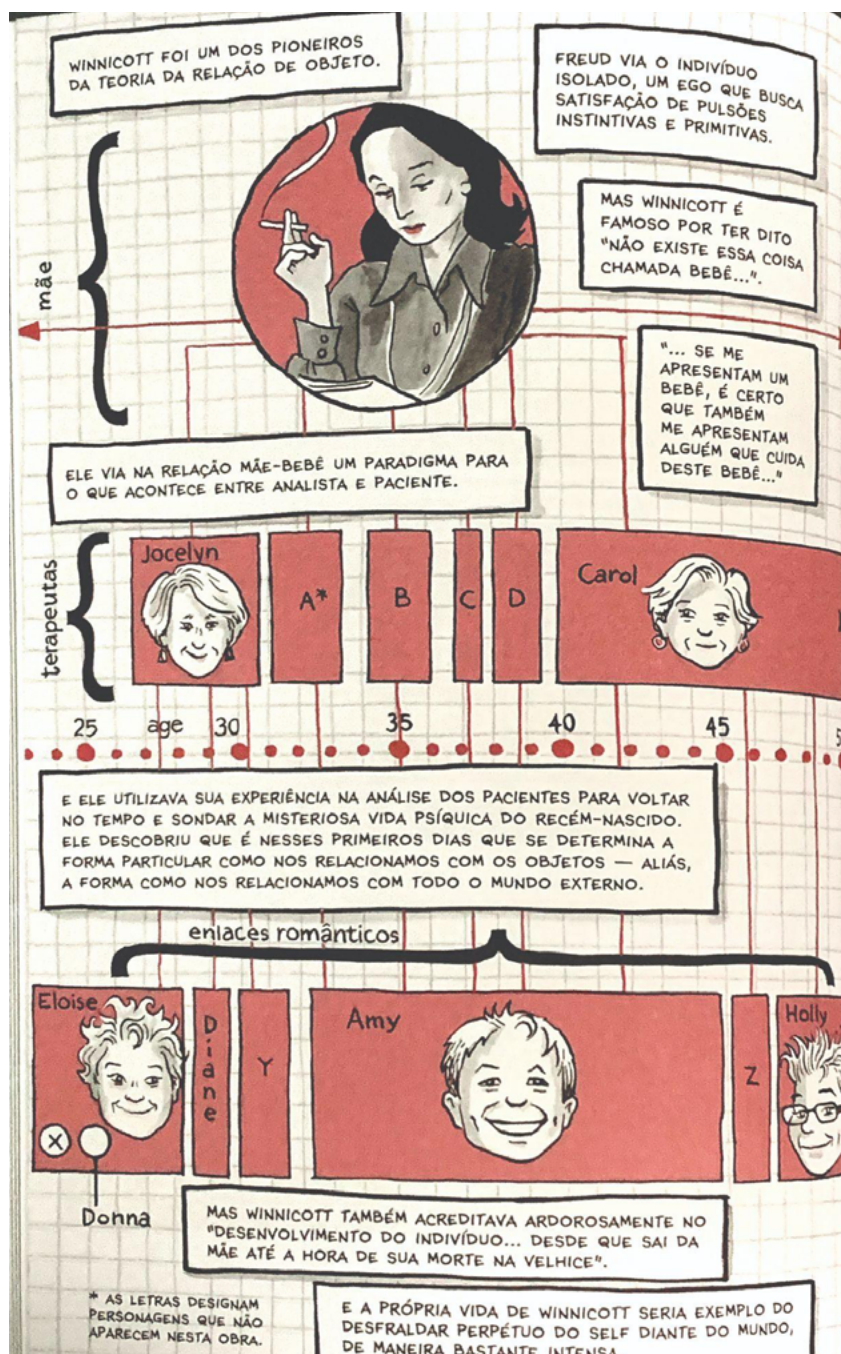


Figura 9. Página com infográfico sobre Winnicott, autor que Bechdel estudou enquanto escrevia *Você é minha mãe?* (Bechdel 2013).

Ela também incorpora reproduções de páginas de livros e de recortes de publicações como livros e revistas. Essa inclusão de fragmentos textuais de obras de referência adiciona camadas de significado à história, ampliando seu contexto ou fornecendo informações complementares, contribuindo para uma sensação de realismo e conexão com o mundo externo. A autora também insere fotografias (Figura 10) e trechos manuscritos de cartas ou diários. Essas inserções trazem uma dimensão mais íntima e pessoal à história, fornecendo insights sobre os pensamentos, emoções e motivações dos personagens.



Figura 10. Exemplo de referência ao novelista Proust, além de adicionar reproduções de arquivos pessoais no trabalho de Alison Bechdel em *Fun Home* (Bechdel 2016).

Além de todas estas escolhas acima, cada uma de suas obras tem uma cor proeminente: azul para *Fun Home* e vermelho para *Você é Minha Mãe?*. Os desenhos foram todos finalizados à mão, com caneta bico de pena e o sombreamento foi feito em uma lavagem de nanquim separadamente, enquanto as colorações foram feitas digitalmente (Bechdel, 2003). A expressividade da sua linguagem visual está na escolha destas mídias analógicas e dos ângulos e sujeitos de seus quadros. Estas escolhas podem refletir uma vontade de distanciar o leitor emocionalmente do conteúdo ao mesmo tempo que demonstram o desequilíbrio do que acontece na cena (McCloud, 2006: p.21), como podemos ver nos dois quadros da Figura 11.

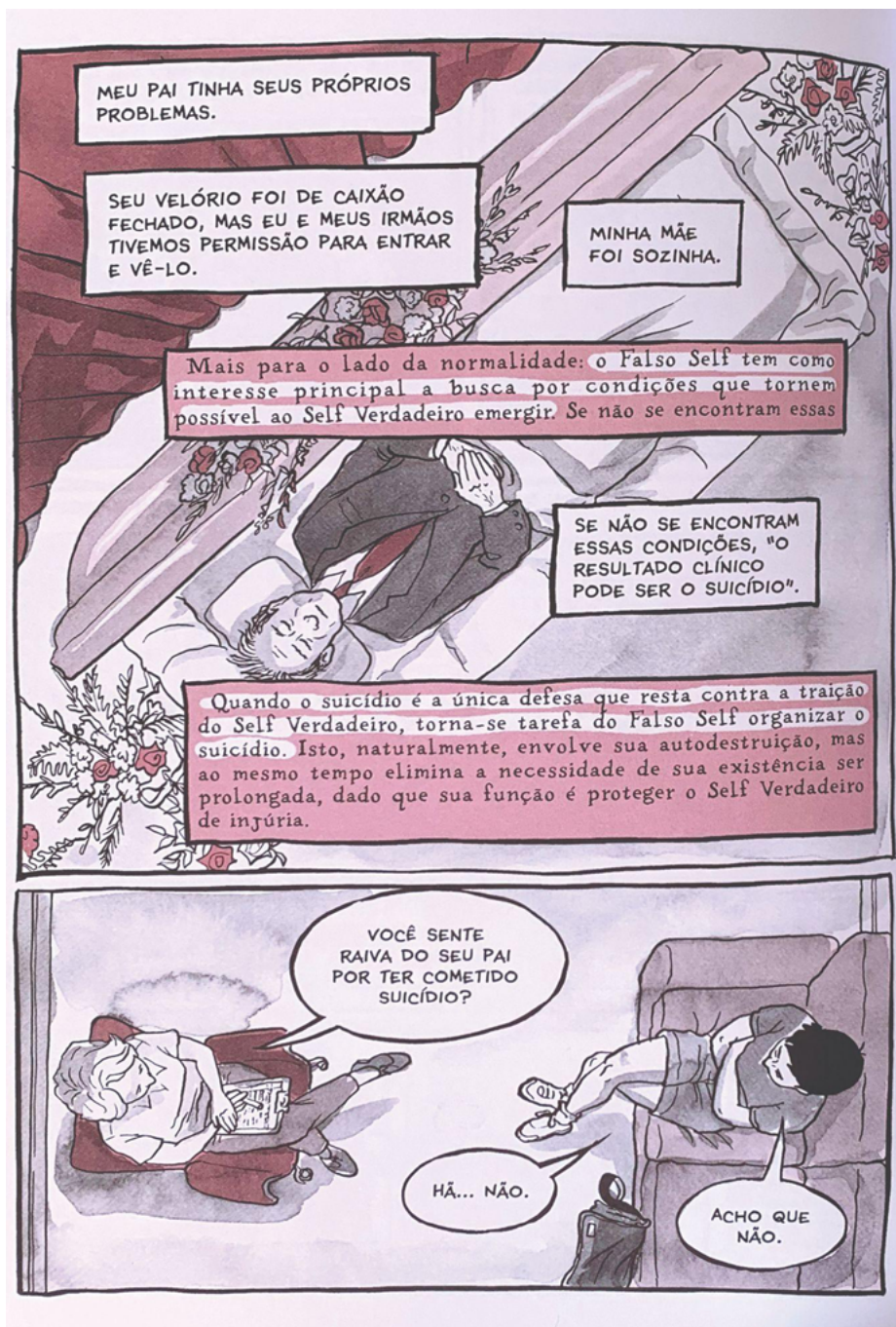


Figura 11. Ângulos superiores nos quadrinhos de Bechdel, em página de *Você é minha mãe?* (Bechdel 2013).

O resultado final dessa abordagem visual é que o leitor é imerso na história enquanto é convidado a encontrar e interpretar todos os detalhes presentes em cada quadro. O texto escrito complementa, mas não descreve o que está sendo mostrado. É essa complementaridade entre imagem e texto que permite uma interação mais ativa por parte do leitor, estimulando-o a buscar significados mais profundos e a fazer conexões entre os elementos visuais e textuais.

No caso da leitura de Bechdel, a relação com o leitor arrisca se tornar mais intelectual do que emocional. A autora analisa e diseca uma porção de traumas pessoais, relaciona-os a teóricos da psicologia, filósofos e escritores. Ela descreve e desenha personagens emocionados e dá nome a sentimentos, demonstrando uma carga de autoconhecimento profunda e importante, mas ela não **pratica** essas emoções no traço nem nas palavras. Para um leitor, o que surge da obra de Bechdel é a alteridade: um reconhecimento de suas experiências, de sua validade e existência (ZOUVI, 2015: p.25). Seu traço, cores e estilo é consistente, transmitindo uma regularidade na narrativa — para Bechdel, a página em si é a ferramenta da expressão (ZOUVI, 2015: p.127), e não a exploração de técnicas e traços como nos autores que veremos a seguir.

Mario Cau é artista visual, formado pela Unicamp. Passou a atuar, em 2004, como ilustrador e quadrinista, e publicou uma variedade muito grande de quadrinhos de forma independente. Talvez pela sua formação acadêmica ter sido mais voltada para a prática de desenho e pintura, Mario usou essas técnicas como ferramentas de linguagem e expressão dos seus personagens no seu trabalho.



Figuras 12 e 13. Capas de *Terapia* volume 1 e volume 2, de Cau, Gordon e Kurcis (2013 e 2022).

Terapia (figuras 12 e 13) é um quadrinho originalmente planejado para internet e posteriormente foi publicado em dois volumes: o primeiro pela Novo Século Editora e o segundo de forma independente. Ele foi escrito por Cau em conjunto com Rob Gordon e Marina Kurcis. Na história, um rapaz tem uma conexão profunda com a música e vai pela

primeira vez à terapia tentar descobrir a causa de sua “não felicidade” (CAU, GORDON, KURCIS, 2013). Neste processo de autoconhecimento, o personagem explora diversos sentimentos frente ao seu analista (e ao leitor). A obra possui elementos autobiográficos dos três autores, mas é essencialmente uma ficção. Mario Cau é o único que desenha o quadrinho, no trio; Kurcis e Gordon são roteiristas.

O trabalho de Cau é bastante inspirador pelas escolhas de traço, de linguagens e técnicas no desenho. A imagem faz parte de um universo emocional e diversas vezes, por conta dessas escolhas, os personagens retratados parecem mais vulneráveis para o leitor do que os que aparecem no trabalho de Bechdel, por exemplo. As escolhas de Cau, como único ilustrador entre os três, fazem parte da representação de um universo interno e emocional dos personagens (Figura 14) que nós como leitores temos o privilégio de acessar. Não existe, além da preocupação de contextualizar a história, uma preocupação com a verossimilhança de cenários (Figuras 15 e 16), personagens e cenas, por que a narrativa se dá de uma perspectiva quase sensorial. O leitor compartilha essas emoções com o personagem enquanto lê.

Em uma das páginas (Figura 15) Cau faz uma representação expressiva de um “espaço mental” onde estão as memórias, além de explorar ângulos e técnicas diversas. Estas imagens estão por trás do quadro onde está o terapeuta, podendo ser mais uma indicação da subjetividade do personagem. Em outro quadro (Figura 14), Cau representa o estado emocional de seu personagem numa ausência de contorno: as linhas que definiriam seu desenho estão confusas e as cores se espalham além do que se assumiria ser o espaço ocupado pelo personagem.

Como podemos ver nas figuras 14, 15 e 16, Cau utiliza figuras de linguagem de maneira visual em seus quadrinhos. Na página reproduzida na figura 16, dois personagens sentam-se sobre um CD, representando o interesse em comum em música que criou a conexão emocional entre eles. Na produção dos seus quadrinhos, o quadrinista utiliza diversos materiais — lápis grafite, lápis de cor e guache entre outros — para alcançar uma variação na expressividade do traço e visualmente demonstrar a vivência emocional de seu personagem (figuras 17 e 18).



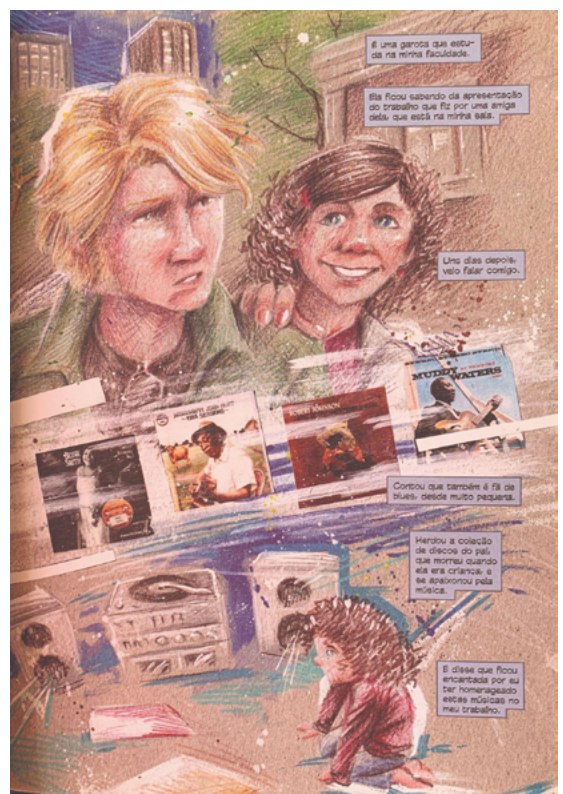
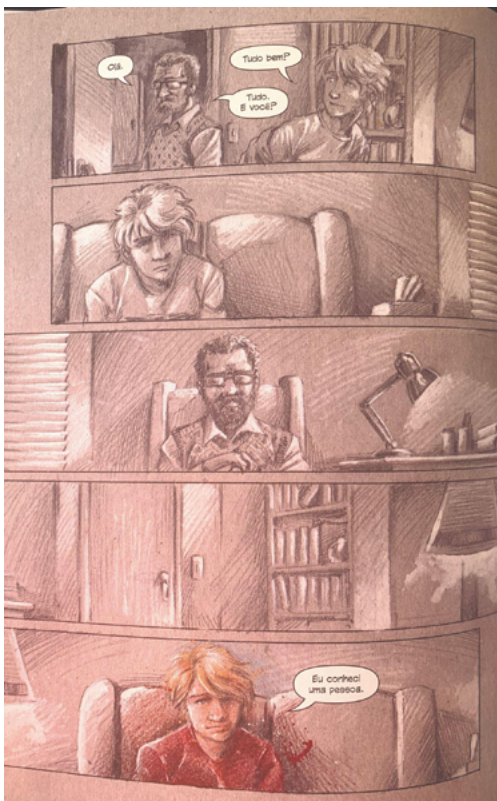
Figura 14. Quadro de *Terapia de Cau*, Gordon e Kurcis (2013).



Figura 15. Página de *Terapia*, de Cau, Gordon e Kurcis (Novo Século, 2013)



Figura 16. Página de *Terapia*, de Cau, Gordon e Kurcis (2013).



Figuras 17 e 18. Páginas de *Terapia*, de Cau, Gordon e Kurcis (2013).



Figuras 19 e 20. Capas de *Pieces: partes de mim* e *Pieces: partes do todo*, de Mario Cau (2010 e 2016).

Além de *Terapia*, Mario Cau é autor — desta vez solitário — de outros dois quadri-nhos: *Pieces: partes de mim* e *Pieces: partes do todo* (figuras 19 a 21). Ambos os volumes são coletâneas de pequenas histórias, às vezes autobiográficas, onde Cau também explora visualmente as emoções de seus personagens. Nestes dois projetos houve uma limitação no uso das cores para baratear a produção gráfica, mas Cau concebe suas ilustrações já sabendo dessas limitações da impressão, e, por isso, não perde nada em qualidade expressiva. Na figura 16, vemos uma reprodução de uma página de *Pieces: partes de mim*. Na cena, vemos uma garota que se agarra às memórias de sua mãe após perceber que elas estavam se desvanecendo. No primeiro quadro, a mãe é composta por frases, flores e outros elementos que se materializam da memória da menina, que já não se lembrava direito do rosto nem da voz desta mãe.



Figura 21. Página de *Pieces: partes de mim*, de Mario Cau (2010).

Em conclusão, ao analisar as obras de Bechdel e Cau, torna-se evidente que eles são artistas com abordagens distintas quando se trata de narrativa e linguagem visual. No entanto, existe um elemento subjacente que conecta suas obras: a exploração profunda das emoções humanas e a busca pelo autoconhecimento. Ambos os artistas nos convidam a refletir sobre nós mesmos e nossos universos subjetivos — cada um à sua maneira —, levando-nos a uma jornada de autoconhecimento e autocompreensão.



Figuras 22 e 23 Capas de *Shallow Spaces* (2017) e *Orbital* (2022), de Pedro Vó.

Pedro Vó é designer formado pela FAUUSP e quadrinista, autor de *Shallow spaces* (2017, figura 22), *Desenredos* (2018), *Orbital* (2022, figura 23) e *A Coleta* (2023). Os três primeiros títulos são autobiográficos e Vó tem, em similaridade ao supracitado Mario Cau, um traço bastante expressivo. Em *Shallow Spaces* (figuras 22 e 24) ele conta sobre sua experiência em intercâmbio e utiliza as cores e os traços de seus quadrinhos como auxílio narrativo, além de uma quebra da noção do “quadrinho” em si. De acordo com Eisner (1999 p.45), a ausência de requadro expressa espaço ilimitado; podemos observar esta forma de expressão nas páginas de Vó, onde frequentemente não são utilizados requadros. No entanto, a narrativa do quadrinista brasileiro se mantém coesa e sequencial, por conta do uso de balões e outros elementos visuais que auxiliam o leitor a ter uma leitura linear, ao mesmo tempo que o convida a parar e apreciar o conjunto de cada página.



Figura 24. Página de *Shallow Spaces*, de Pedro Vó (2017).

Em *Orbital* — Figuras 25, 26, 27 e 28 — Vó conta sobre sua primeira experiência com crises de ansiedade, e de forma muito sensível representa a despersonalização típica de alguns transtornos de ansiedade através do personagem astronauta (figura 25), que aparece a cada capítulo ou crise no “comando” do corpo de Vó.

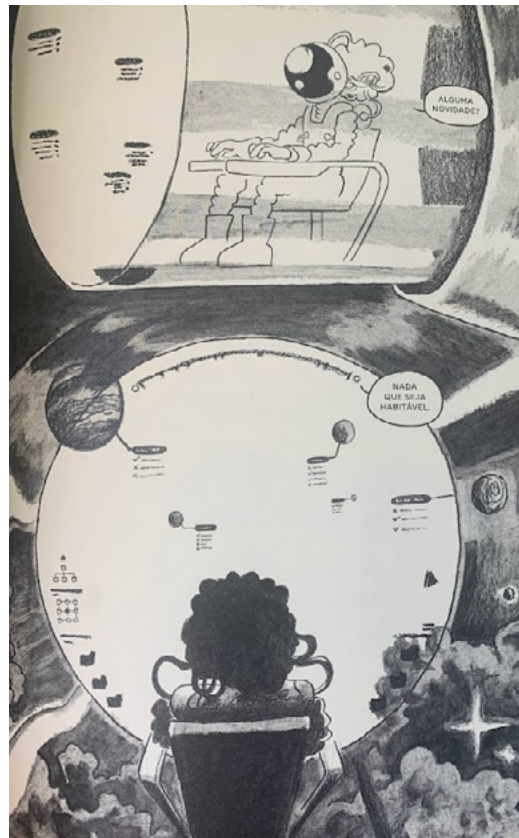
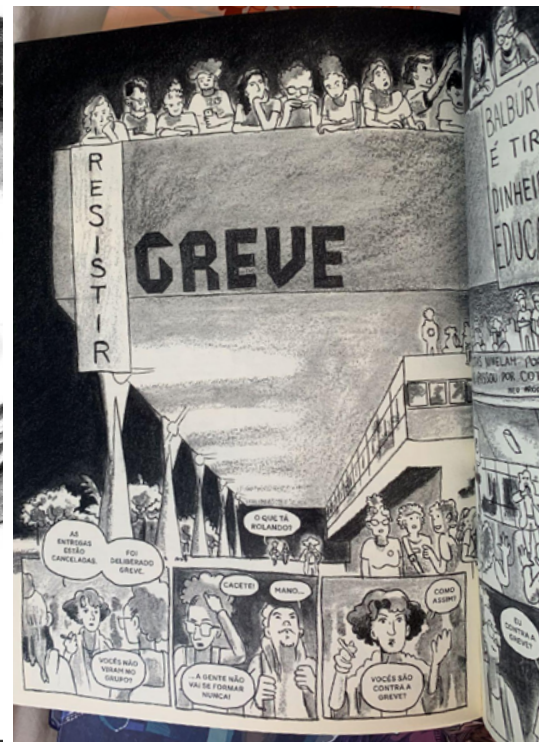
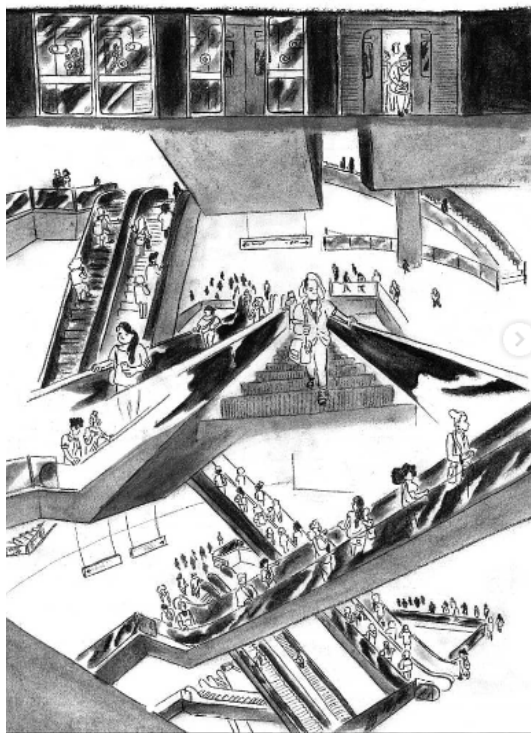


Figura 25. Página de *Orbital*, de Pedro Vó (2022).

Durante este quadrinho, Vó fala um pouco da sua experiência na FAUUSP (Figura 27), onde se formou em 2021. Montagens sobre o percurso até a universidade e os ângulos do edifício são bastante explorados na narrativa.



Figuras 26 e 27. Páginas de *Orbital*, de Pedro Vó (2022)..

Vó utiliza, tal como Cau, recursos gráficos de técnica e traço, além de figuras de linguagem visuais para fortalecer o aspecto emocional da narrativa. Ao mesmo tempo, há explicitamente a influência da obra de Alison Bechdel, e é possível ver semelhanças com a autora nas escolhas de angulação, na profundidade narrativa, e também no tema de autoconhecimento. Para não deixar dúvidas, nas páginas de *Orbital* a autora aparece como terapeuta do autor, como podemos ver na figura 28.

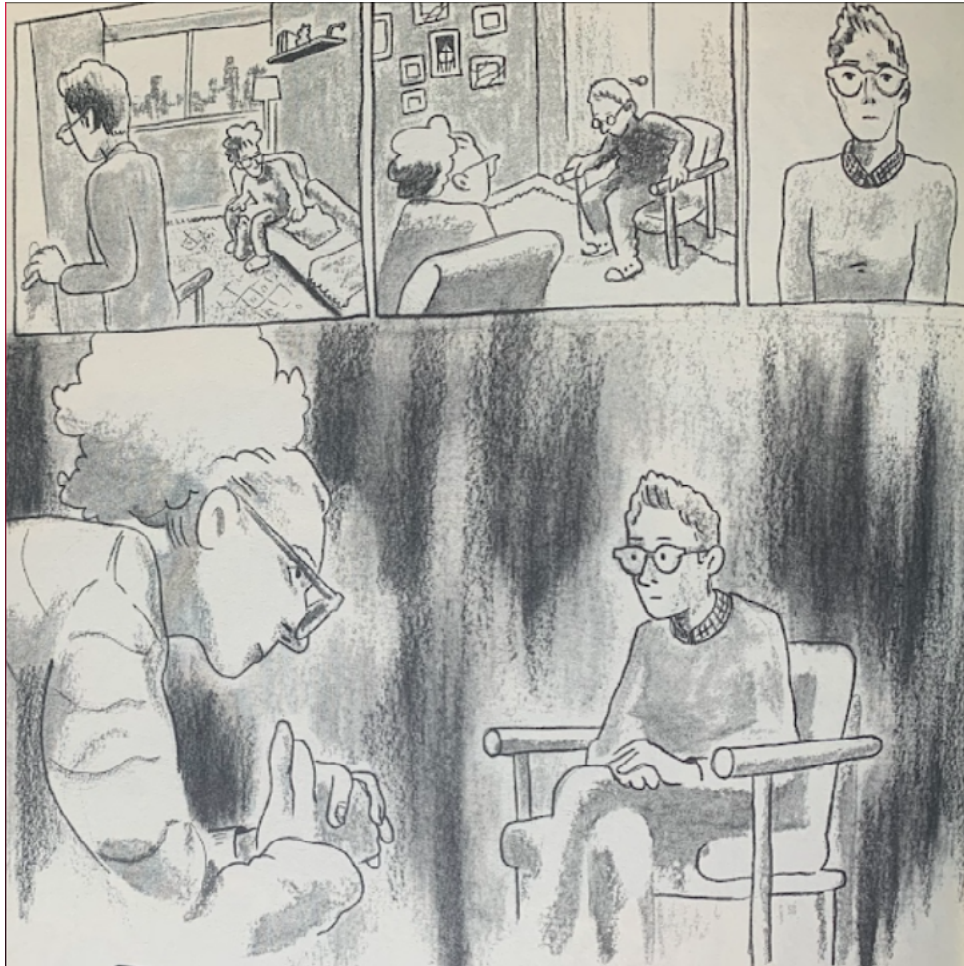


Figura 28. Sequência de *Orbital*, de Pedro Vó (2022), onde a quadrinista Alison Bechdel é a terapeuta do autor.

Vó consegue, à sua maneira, equilibrar a expressão no traço e a profundidade narrativa sem que um pareça mais importante do que outro dentro da sua obra. A complementaridade e equilíbrio que ele consegue alcançar são, ao meu ver, um ponto ideal entre as escolhas de Bechdel e Cau, analisados anteriormente.

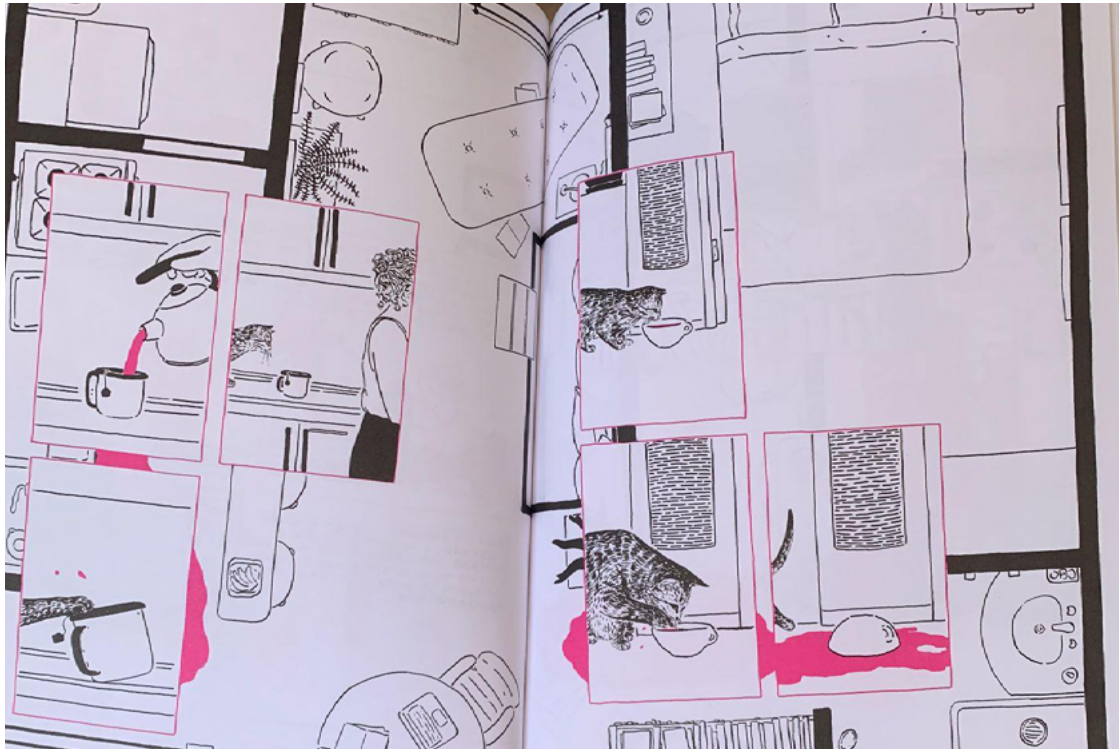
outras inspirações

Os três quadrinistas mencionados anteriormente tiveram um impacto profundo na minha própria obra como fontes de inspiração. No entanto, ao embarcar em uma jornada exploratória de autores e narrativas, também me deparei com outros quadrinhos que considero relevantes como influências secundárias e igualmente importantes de serem compartilhados, mesmo que em menor profundidade de análise. As relevâncias destas referências vêm ora pela construção textual, hora pelas escolhas visuais ou pelo conjunto de ambas.



Figura 29. Capa de *Viagem em Volta de uma ervilha*, de Nestrovski e Salles (2019).

Viagem em volta de uma ervilha, de Sofia Nestrovski e Deborah Salles (figuras 29 a 31), é uma narrativa em primeira pessoa, ficcional, sobre uma estudante que convive e conversa com sua gata; O desenho é realista e foi executado digitalmente, assim como a pintura de elementos específicos na cor magenta. O magenta é usado para evidenciar mudança e movimento, e ajuda a criar uma experiência de leitura fluida.



Figuras 30 e 31. Páginas de *Viagem em Volta de uma ervilha* de Netrovski e Salles (2019).



Figura 32. Capa de *O melhor que podíamos fazer*, de Thi Bui (2017).

O Melhor que Podíamos Fazer, de Thi Bui (figuras 32 e 33) é uma autobiografia e investigação de biografia familiar. Bui fala sobre a fuga de sua família após a queda do Vietnã do Sul, na década de 1970, e as dificuldades que enfrentaram para construir uma nova realidade. Foi desenhado em nanquim e pintado em uma única cor de aquarela. Sua obra é relevante para mim pela expressividade imagética, pela exploração dos recursos da aquarela, que é uma técnica que eu utilizo bastante, mas também pela forma com que ela relaciona a própria história à história dos seus pais.



Figura 33. Página de *O melhor que podíamos fazer*, de Thi Bui (2017).

métodos e
procedimentos

Para chegar ao meu objetivo, iniciei meus trabalhos com uma pesquisa pessoal. Fui em busca de desenhos, fotografias e entradas nos meus diários sobre a FAU USP e sobre meus pais. Também fiz alguns inventários escritos e desenhados com as memórias que resgatei com o tempo. Nas figuras 34 a 42 reproduzo uma pequena parte das imagens que resgatei.



Figura 34. Auto-retrato do meu pai (estúdio 5). 2019.



Figura 35. rampas, acervo pessoal. 2022.



Figura 36. trabalho realizado durante a graduação de arquitetura. acervo pessoal. 2012.



Figura 37. Eu, durante graduação de arquitetura. acervo pessoal. 2012.

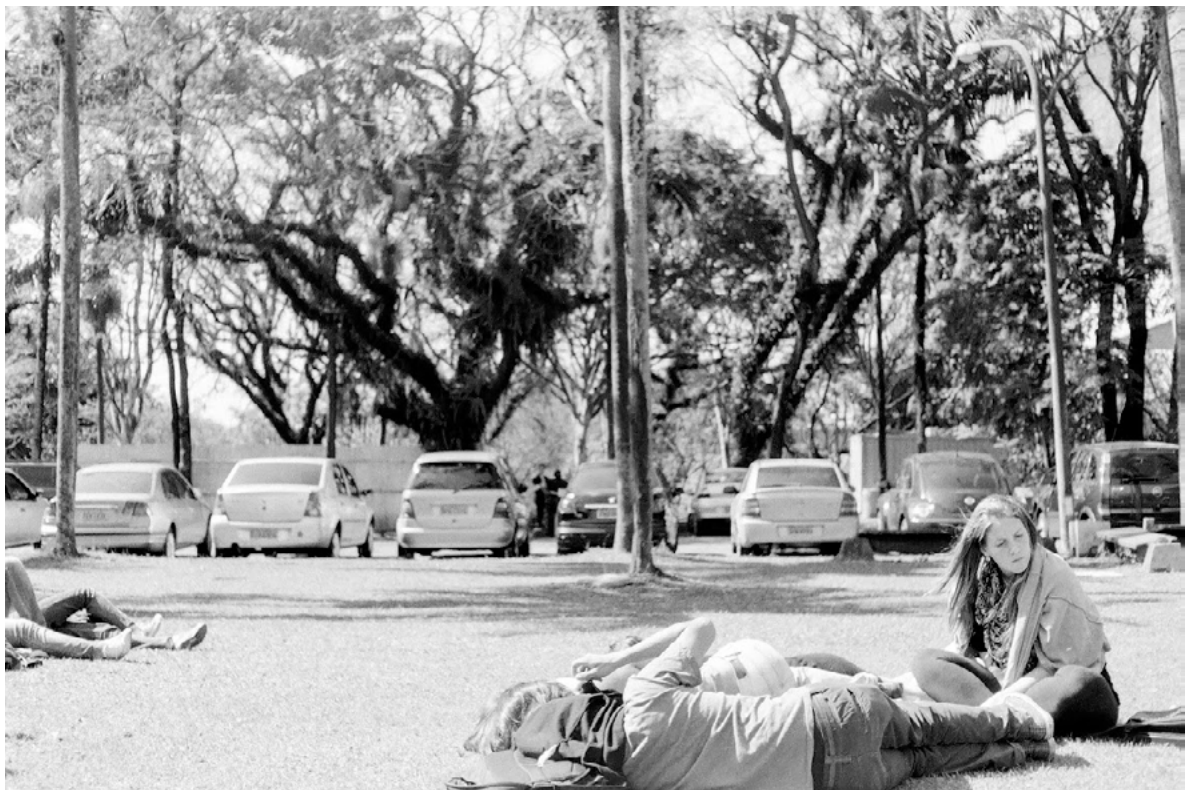


Figura 38. Estudantes aproveitando o sol no gramado, acervo pessoal. 2012.

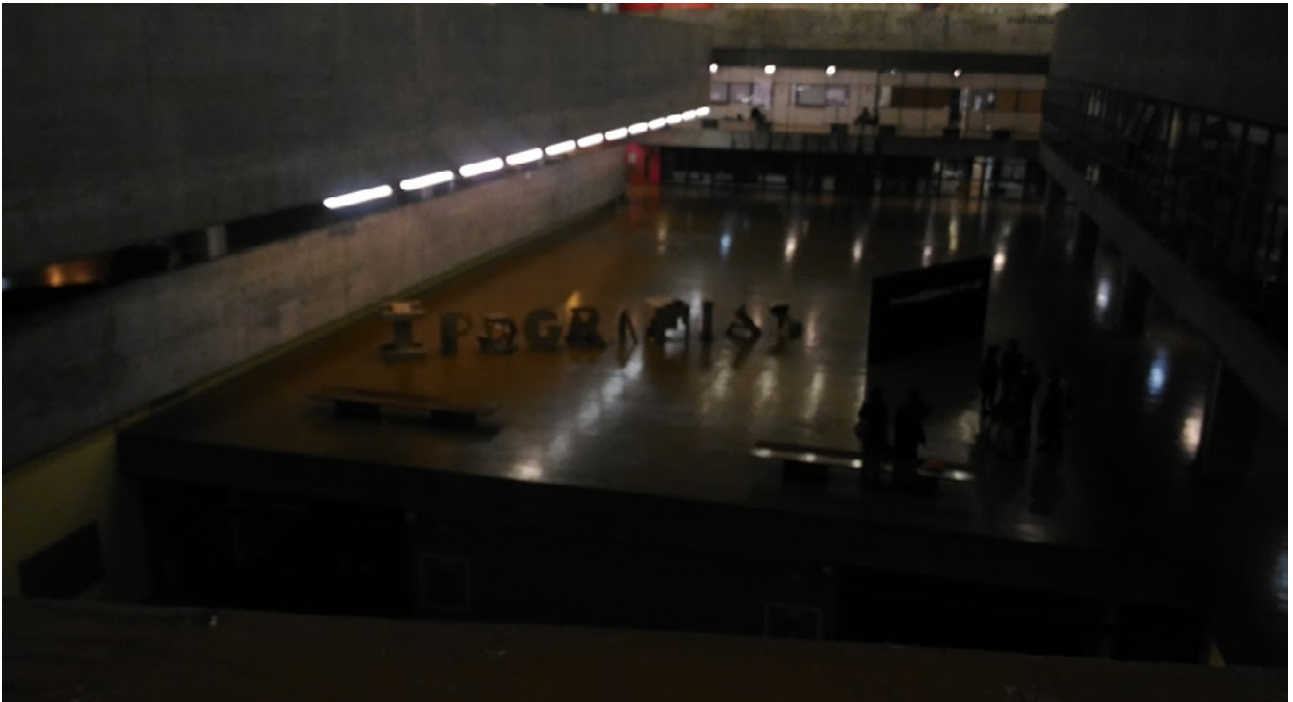


Figura 39. Trabalho de tipografia. 2016.



Figura 40. iluminação no piso do museu, acervo pessoal. 2012.



Figura 41. meu pai e eu. Acervo pessoal. 2008.



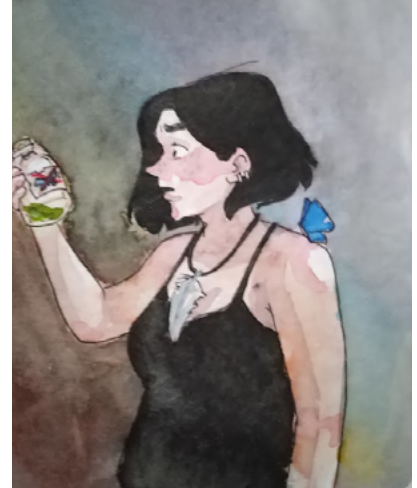
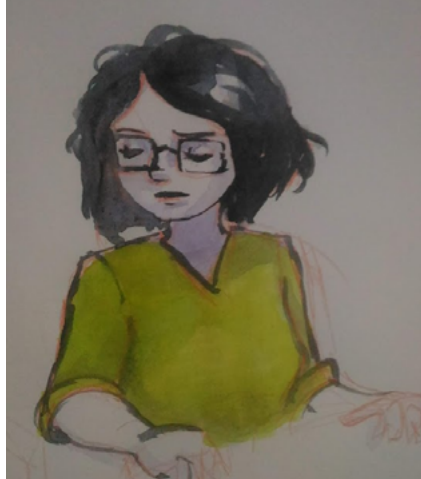
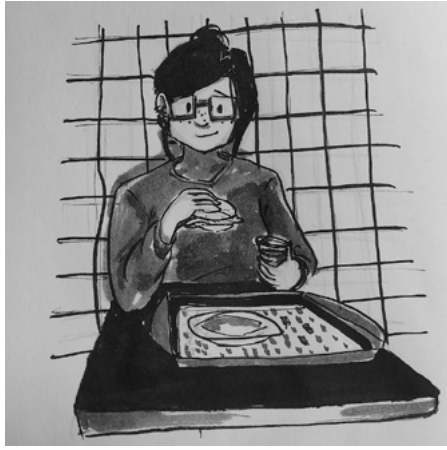
Figura 42. Meu pai. Acervo pessoal. 2009.

experimentos visuais

Foram feitos diversos experimentos visuais e estudos de personagens com a intenção de descobrir estilos que me satisfizessem e servissem à narrativa da HQ em produção. Segundo McCloud, “através do realismo tradicional, o desenhista de quadrinhos pode representar o mundo externo... e através do cartum, o mundo interno” (McCloud 1993: p.41). Ao longo do desenvolvimento de estilo dos personagens, decidi por um estilo mais próximo de um cartum, sem tantos detalhes, onde houvesse uma distinção formal entre os personagens mas que não chegasse a ser uma caricatura. Meu intuito foi o de conseguir aproximar o leitor do meu mundo interno. As proporções seguem próximas às da realidade assim como uma parte das características físicas e formato de corpo, por exemplo, para justamente dar um toque de realismo no sentido de se tratarem de memórias. Encontrei maior possibilidade de adicionar signos das personalidades nos rostos e roupas de cada personagem — formatos de nariz e rosto e escolhas de estampas e estilos da roupa.

Nas figuras 43 a 47 é possível visualizar alguns dos experimentos que realizei ao desenvolver a mim mesma como uma personagem para a HQ. Os materiais utilizados foram tinta nanquim aplicada com pincel nas imagens reproduzidas na figuras 43, 44 e 45; marcadores a álcool na imagem reproduzida na figura 46, aquarela com canetas nanquim na imagem reproduzida na figura 47.

Em seguida, trabalhei a personagem do meu pai. Um dos estudos preliminares está na figura 48, e foi finalizado em nanquim com pincel. Ao elaborar a personagem da minha mãe, imaginei que ela provavelmente apareceria muito pouco nas narrativas — ela faleceu na minha primeira infância — mas realizei estudos comparativos de nós três (eu, minha mãe e meu pai) na mesma idade, em especial com a intenção de definir características físicas que os personagens tinham em comum ou em oposição. Aqui, defini que minhas roupas seriam uma mistura das ‘roupas típicas’ de cada um. A roupa típica do meu pai foi definida em referências a fotografias (figuras 41 e 42) e minha memória.



Figuras 43, 44, 45, 46, 47. Estudos de estilos para arte final.

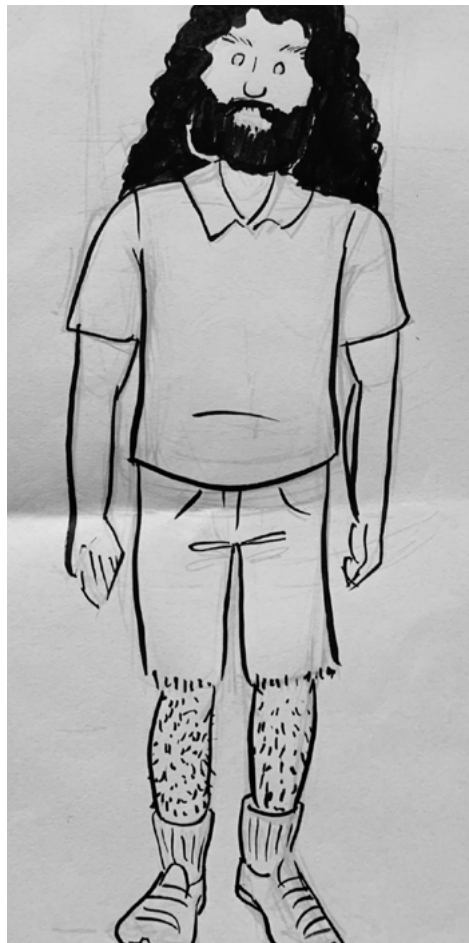


Figura 48. Estudo de personagem do meu pai.

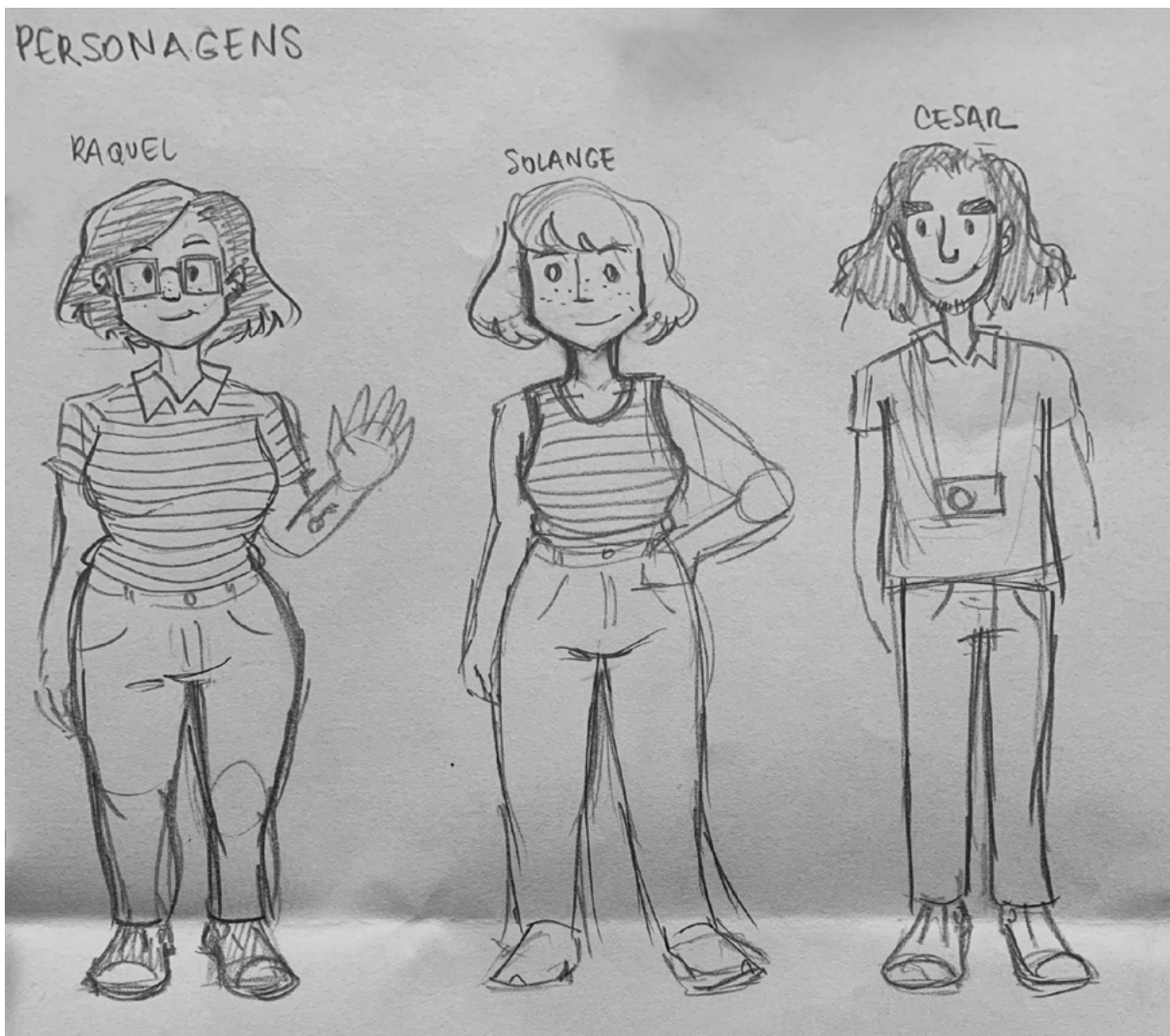


Figura 49. Estudos de personagens: eu, minha mãe e meu pai.



Figura 50. Estudo.



Figura 51. Estudos de estilos de traços.

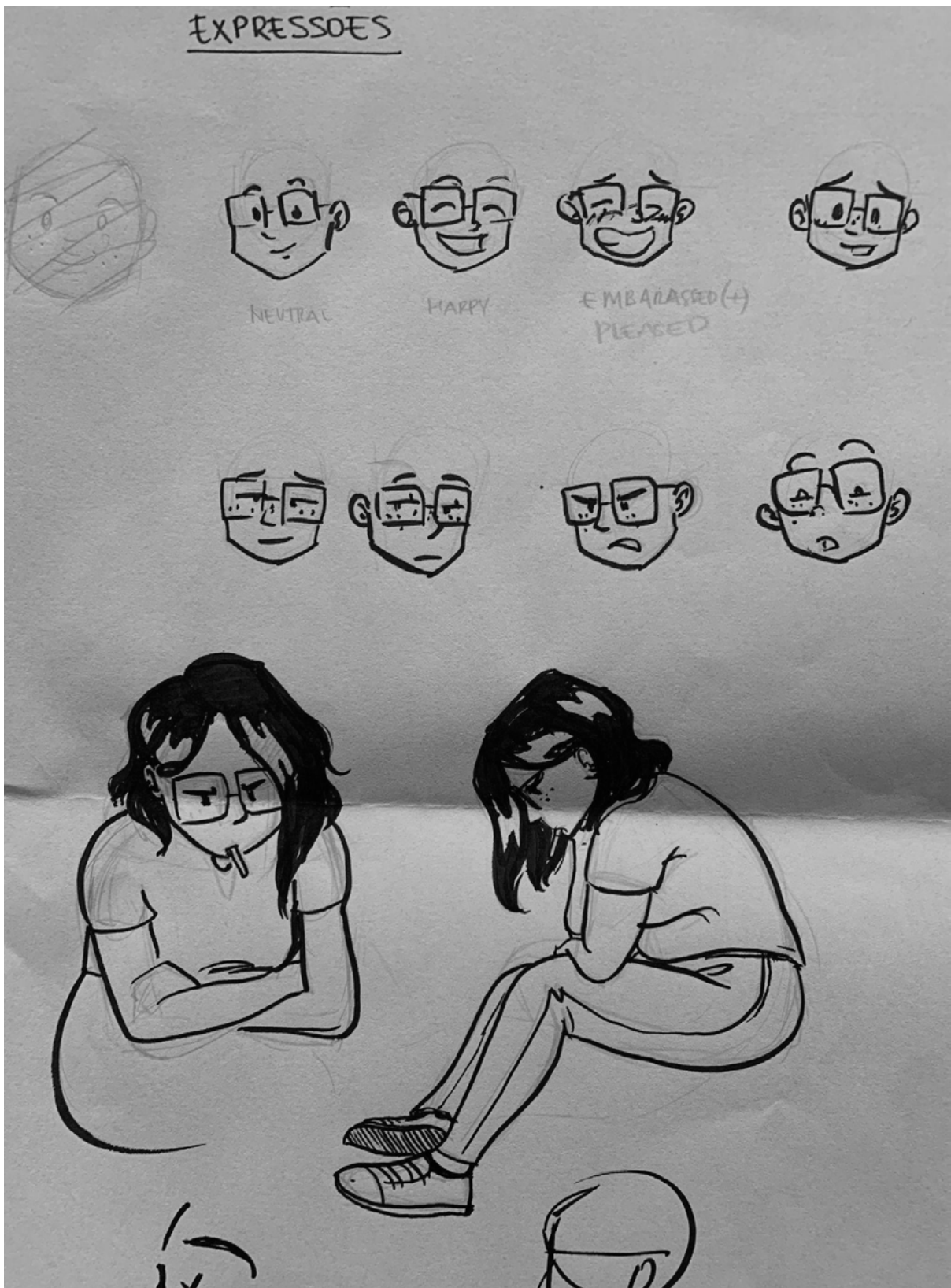


Figura 52. Estudos de expressões faciais e corporais.

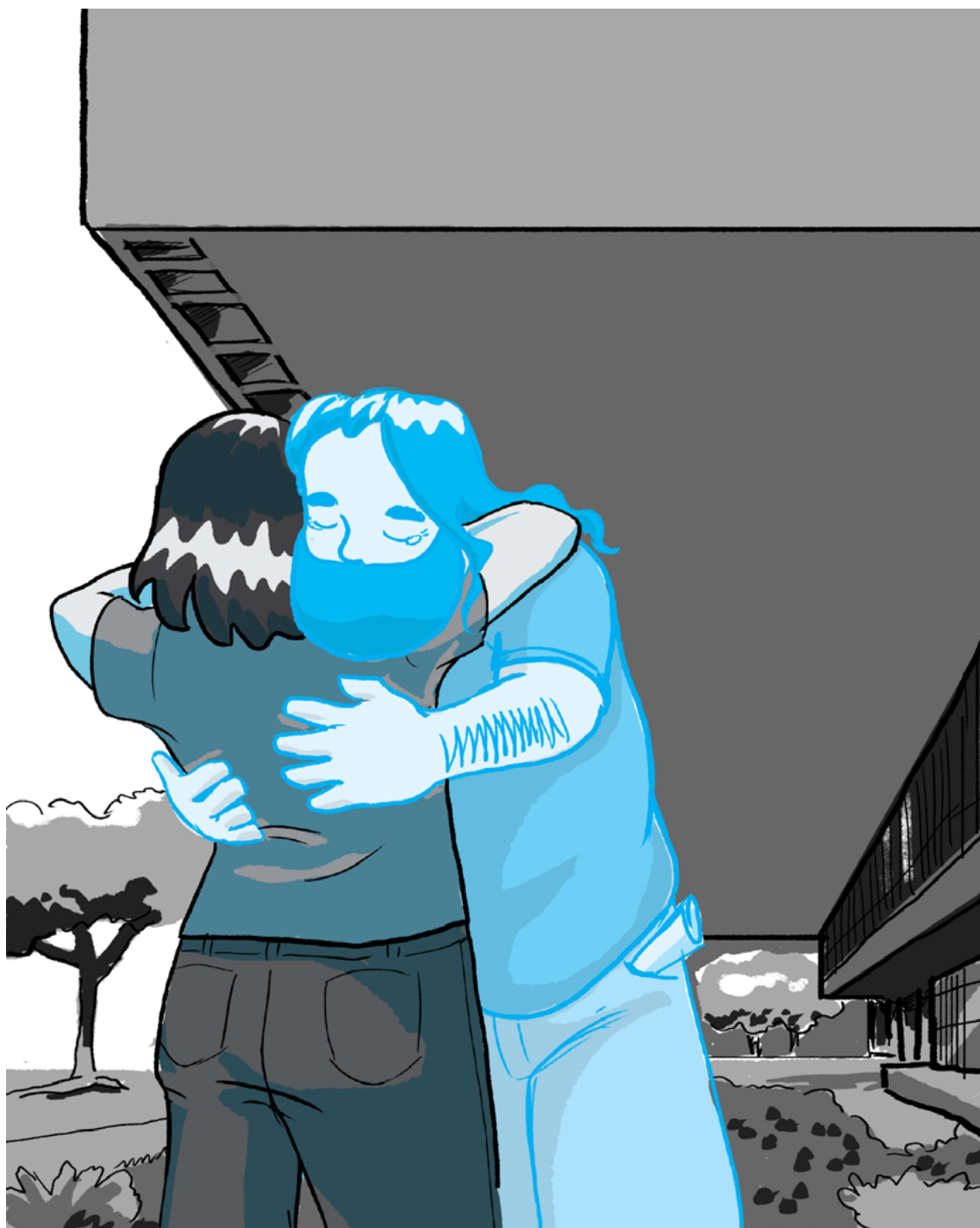


Figura 53. Estudo sobre cores e estilo realista para o edifício Vilanova Artigas da FAU USP em contraste com estilo cartum nos personagens.



Figura 54. Estudo de pintura digital, referência em fotografia.



Figura 55. Estudo de uma representação de despersonalização.

roteiro



Figura 56. Primeiro estudo de roteiro.

Os estudos de roteiro foram primariamente feitos em formato de diário ilustrado ou em quadrinhos (figura 56). O maior desafio desta etapa foi tentar traduzir da experiência subjetiva da memória uma narrativa minimamente coerente para ser apresentada a outras pessoas. Na etapa seguinte, organizei o roteiro preliminar em uma tabela de 3 colunas: narração, imagem e balões (figuras 57 e 58).

1	narração	imagem	balões
2	É, esta sou eu. Provavelmente você está pensando em como eu vim parar nesta situação. (Quer dizer, duvido que você esteja pensando mas eu vou te contar mesmo assim.)		
3	Meu nome é Raquel. Eu tenho 34 anos e estou no último ano de universidade. Ta bom... na verdade eu não sou tão idosa.	<i>½ página</i> <i>cena dos últimos semestres da fau ou da formatura ou da banca ou paralisada em frente a uma folha em branco - eu idosa com muitos jovens em volta de mim, numa sala de aula</i>	a senhora precisa de ajuda?
4	Mas hoje em dia, as vezes eu me sinto assim	<i>¼ pg vertical</i> <i>eu idosa sofrendo para sair da sala de aula ou algo assim</i> <i>cena "atrás" dos quadros no restante do ¼ eu com 34, fumando e ouvindo um grupo de alunos animados e jovens falando de festas ou algo do gênero</i>	"você vai amanhã la hoje?" - salveee, eae vai na deixa em off amanhã??? - looogico, vou colar, mas preciso comprar uma roupa nova - ai sim, espero que o vitinho vá, que ele tava curtindo meus stories e queria ficar com ele kkkkk - vitinho vai amiga!
5	A primeira vez que eu entrei na fauusp* eu tinha uns 19 ou 20 anos. Era uma tarde de sexta feira, bastante ensolarada. Acho que devia ser lá por outubro ou novembro. Tinha ido mais cedo para (beber com meus amigos) aproveitar a universidade e meu pai decidiu me visitar com alguns primos que estavam na região. *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo	(quadro grande) Eu, com 19 anos e uma mochila com 'coisas de biólogo', em frente à fau ainda na rua do matão com meu pai me abraçando meio de lado e eu meio tombada pro lado dele, talvez um ou dois primos na cena olhando para cima também (representar Alicia? Frank + Maarteen)	Foi aqui que eu estudei, filha! Onde conheci sua mãe, também. Vocês querem subir? (eu e primos) CLARO!!!
6	Na época, eu estava no segundo ano do curso de biologia no instituto que fica rua de cima, na mesma universidade.	mapinha da rua do matão e rua do lago, apontando a fau usp e biologia	
6	Na época, eu estava no segundo ano do curso de biologia no instituto que fica rua de cima, na mesma universidade.	mapinha da rua do matão e rua do lago, apontando a fau usp e biologia	
7	A FAU é muito impressionante a primeira vez que você vê. Lembro que à esquerda do prédio tinha um gramado, onde vários estudantes estavam espalhados aproveitando o sol. O piso, de ladrilhos portugueses (ainda não sabia o nome deles, na época, mas lembro de achar bonito) As colunas eram tão estranhas, leves e pesadas ao mesmo tempo. Faziam parecer que o teto estava flutuando em cima de nós. Mas nada disso se compara...	quadros em cascata: a esquerda, o gramado. no centro abaixo num quadro um pouco maior, o piso, à direita abaixo uma coluna. Talvez um outro detalhe atras dos quadros? O teto e o céu?	
8	...À quando você finalmente se percebe dentro do prédio. "Se percebe" porque não existe bem um fora e um dentro. Não existe uma porta dividindo (depois de algum tempo, decidi que para mim, o prédio começa quando o piso portugues termina). E a parte interna é tão iluminada por conta dos domos que parece fora.	(página dupla) Perspectiva olho de peixe 180 ou 360° ? destaque para iluminação dos domos. eu, no centro esquerda da imagem mas muito minúscula, olhando para cima.	Pensamento: uau!
9	Eu não soube dizer quantos andares existiam no prédio sem literalmente parar para contar.	Quadros em cascata? Rampas e andares nos seus devidos lugares, eu de costas olhando tudo. fora dos quadros, meu pai à esquerda, n o pé da rampa	Pensamentos: Calma. então um, dois, três, quatro, cinco, seis..? ou um, dois.. três? Pai: Vamos? Queria mostrar umas coisas para vocês!

Figura 57. Roteiro em formato de tabela

	A	B	C	D
1	narração		imagem	balões
10	Foi tudo tão confuso... (Mais tarde, descobri que o arquiteto que projetou o edifício, Vilanova Artigas, pretendia mesmo que a sensação do prédio fosse a de uma unidade que extrapolasse os tradicionais pisos)		Quadros divididos nas inclinações das rampas?	Pai: Na minha época, eu vinha de bicicleta. Tava sempre atrasado, então subia tudo correndo pela rampa e largava a bike na porta do estúdio hahaha Um dos meus primos, confuso, balbuciando pra si mesmo: (...calma quantos andares a gente já subiu, um ou dois?)
11	Quando chegamos ao piso dos estúdios, foi outra surpresa. Eu cresci em escolas tradicionais e minha ideia de sala de aula sempre foi limitada ao que eu vivi. Eu não havia visto, até agora, um único espaço para as aulas acontecerem.		Escher? subindo as rampas, meu pai apontando para elas. silhueta de um rapaz subindo a calha do quadrinho (em branco) de bicicleta?	Pensamentos: Mas pera, estamos no 5º piso então? ou 4º?? Não tem porta aqui não? onde que tem aula?
12	Os estúdios são os espaços de trabalho dos estudantes. Artigas projetou desta forma para aumentar o diálogo e a (...pegar referências...)		vista para a porta dos estúdios, mesinha, um ou outro aluno carregando uma maquete de paisagismo, uma ponte de bambu, dormindo numa mesa na porta do chiqueiro. Meu pai na porta do estúdio 1 apontando para fora do quadro	Pai: Aqui era onde a gente fazia os projetos, maquetes, sabe? Tá vendo aquele desenho? Foi minha turma que fez!
13	Quando vi este painel, o filme Inception ainda não tinha sido lançado. Provavelmente nem tinha imaginado quando o grafite foi feito. Quando o vejo hoje, é uma das primeiras associações que eu faço.		proporcional a página, uma reprodução pb do DNA urbano do e1. nós dois na porta do estúdio. talvez uma ou outra cadeira ou mesa desenhados em linha?	eu: você também fez esse? pai: nesse não fiz quase nada,
14	O que mais me tocou foi a liberdade que ele teve que sentir para marcar a parede da universidade desta forma.		reproduções das "artes" dele em colorido.	mas tenho outras marcas por aí... Essa era minha banda
15	Nessa época, eu jamais conseguiria conceber a ousadia de alterar um espaço. Eu era muito inocente? pequena? tímida? pensar numa expressão melhor		reprodução do auto retrato dele, eu relutante em tocar.	pai(continuação do balão): e aquele ali foi um auto retrato!
16	Por isso, eu também tinha muita dificuldade em me expressar, questionar e me impor. e, como o assunto "minha mãe" era um grande tabu em todos os meu círculos familiares... ...Eu nunca perguntei - e ele nunca me contou - como conheceu minha mãe.		Eu encarando o autorretrato, meu pai e os primos conversando no fundo. Cenas dos dois se conhecendo ao redor? silhuetas em branco?	

Figura 58. Roteiro em formato de tabela (2ª parte).

O desenvolvimento do roteiro neste formato de tabela foi bastante interessante no início do trabalho, mas percebi, ao longo do segundo semestre, que estava longe do ideal para mim. Por isso, na segunda parte do ano, acabei desenvolvendo outros métodos e buscando suporte em outros autores para me auxiliarem a desenvolver o roteiro de uma maneira mais satisfatória.

Já tinha conhecimento, por meio de cursos extracurriculares, do conceito de “jornada do herói”, adotado como método de storytelling em 17 passos, utilizado e observado em diversas culturas e narrativas vernaculares, apresentado no livro *O herói de mil faces* escrito por Joseph Campbell em 1949 e publicado no Brasil em 1989. Esta metodologia foi revisitada por Christopher Vogler e enxuta para 12 passos em 3 atos (figura 59) no livro *A jornada do escritor*. Era com esta última proposta que eu estava trabalhando até então, com algumas dificuldades para inserir a complexidade e profundidade emocional da história que eu gostaria de narrar no quadrinho.

No segundo semestre, entrei em contato com o livro *A jornada da heroína*, de Maureen Murdock, publicado em 1990, que, assim como Campbell (1989), apresenta uma análise das narrativas vernaculares mas de um ponto de vista da experiência feminina, e um desenvolvimento metodológico próprio, pensando nessa experiência (figura 60).

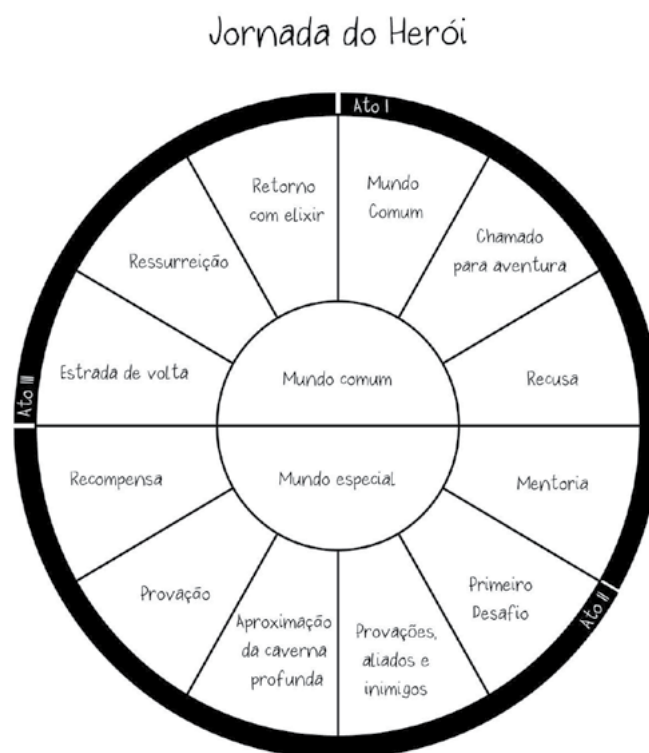


Figura 59. Jornada do herói, acervo pessoal - desenvolvido durante curso extracurricular de histórias em quadrinhos.

Jornada da Heroína



Figura 60. Jornada da heroína, acervo pessoal - desenvolvido durante estudo do livro *A jornada da heroína* (Murdock 1990)

Ao englobar aspectos mais subjetivos da experiência da "heroína" na narrativa, este método me auxiliou de maneira muito mais significativa (figura 61) do que a jornada do herói, onde os conflitos são geralmente externos.

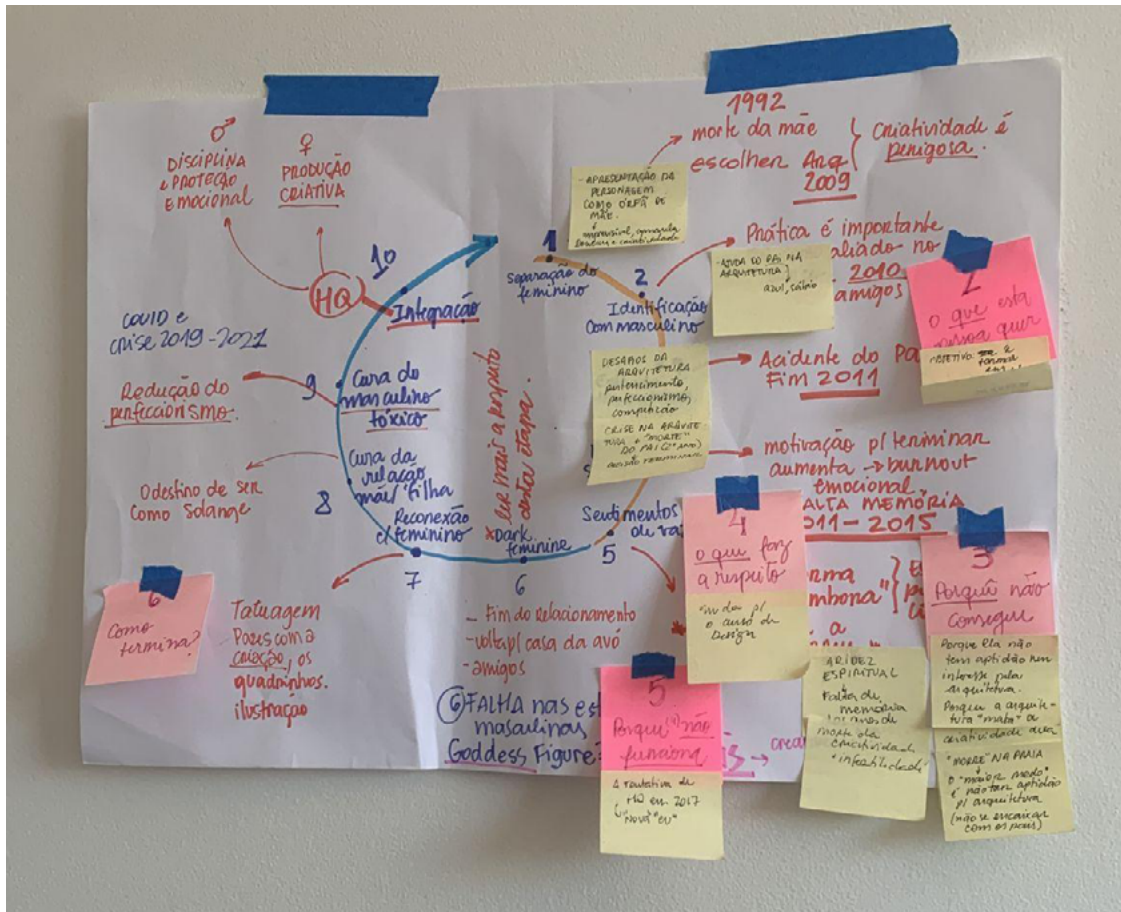


Figura 61. Jornada da heroína com anotações da minha história pessoal, desenvolvido ao longo do segundo semestre de 2023.

Com esta metodologia, pude separar em capítulos fases da minha vida que eu queria narrar e seus significados nesta narrativa maior do quadrinho, e comecei a desenvolver o roteiro de outra forma. Primeiramente, usando o software illustrator, da Adobe, separei arquivos para cada um destes capítulos (figura 62).

- Ai 00-prefacio-lettering.ai
- Ai 01-cap01-lettering.ai
- Ai 02-cap2-lettering.ai
- Ai 03-cap3-lettering.ai
- Ai 04-cap4-lettering.ai

Figura 62. Arquivos para cada capítulo.

Em cada arquivo, criei uma camada para narração, uma para diálogos e outra para as imagens e balões, além de separar as páginas conforme seriam apresentadas impressas, para ter a noção de páginas duplas e viradas de páginas - onde a narrativa precisaria ter algum gancho de curiosidade para o leitor (figura 63). Continuei o roteiro desenvolvido na

etapa anterior dando prioridade à narrativa com estas questões em mente e a partir daí resgatei histórias ou situações complementares à narrativa, fiz rascunhos à mão, que finalizei no Photoshop e em seguida balonei.

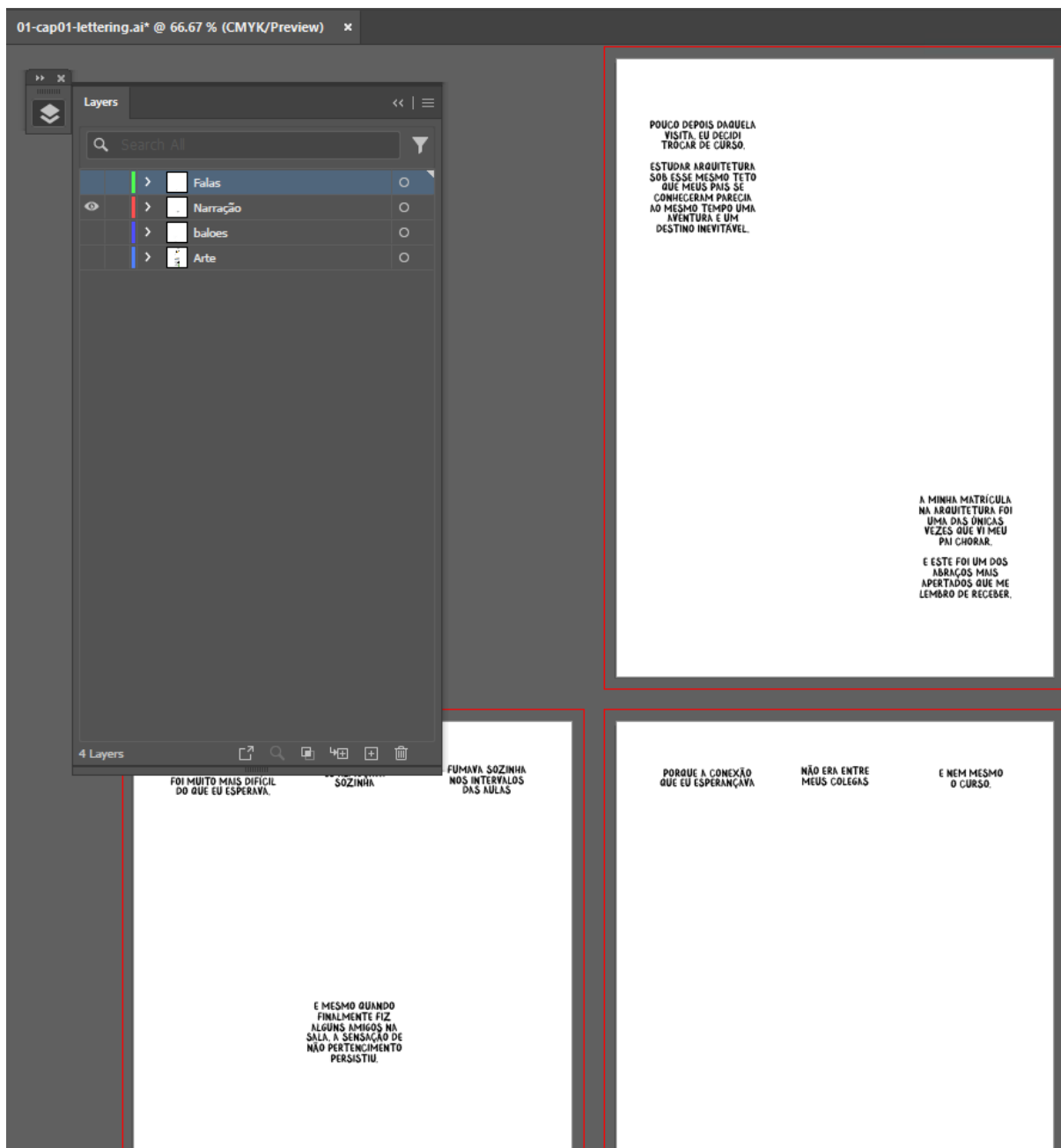


Figura 63. Organização de camadas e pranchetas no Adobe Illustrator.

tipografia

É comum que as tipografias escolhidas para narrativas gráficas tenham um toque mais informal, e, atualmente, até mais pessoal. Existe uma diversidade de autores que preferem utilizar a própria letra na construção do quadrinho. Desta forma, antes do início deste TCC eu havia desenvolvido uma fonte própria, baseada na minha letra, para utilização nos quadrinhos que posto na internet (figura 59). É esta a fonte que utilizei no quadrinho, com uma ou outra inserção de *lettering* manual.

ABE COMIC

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm
Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Ww Xx Yy Zz

Zebras caolhas de Java querem mandar
fax para moça gigante de New York

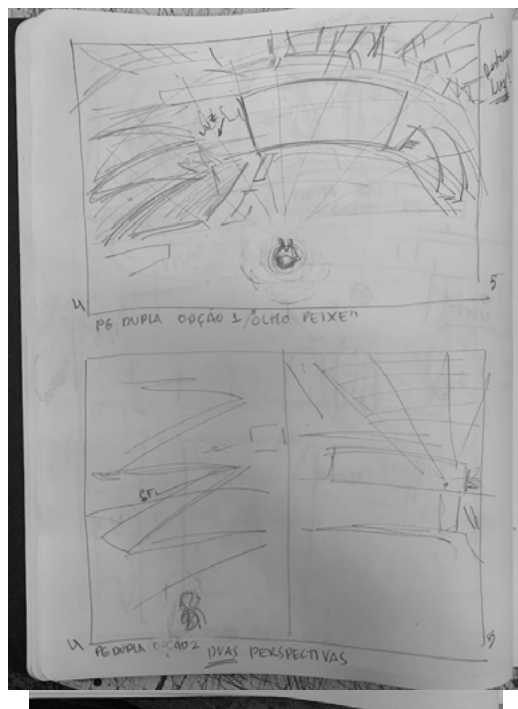
Çç Áá Éé Íí Óó Úú Ãã Êê Îî Õõ Ùù

0123456789 .,:; + - _ / * = ! ?

Figura 64. Amostra da fonte tipográfica Abe Comic.

rafes e rascunhos

A partir do roteiro preliminar, desenvolvi rascunhos mais grosseiros, para compreender se o que eu havia imaginado e planejado para as imagens funcionaria na realidade do papel (figuras 65 e 66).



Figuras 65 e 66. Primeiros rafe das primeiras páginas.

A partir desses *sketches*, desenvolvi outros rascunhos menos esquemáticos — exemplificado na figura 67 —, com o intuito de resolver ao mesmo tempo mais detalhes dos elementos visuais e definir a colocação e construção dos textos (Figura 68), além de testar a legibilidade da tipografia desenvolvida.



Figuras 67 e 68. A mesma página antes e depois da inserção textual e ajustes.

paleta cromática

Inicialmente eu havia definido a utilização de no máximo 3 pigmentos na composição cromática: ciano, amarelo e preto (figura 69). Conforme a etapa do desenvolvimento narrativo avançou, encontrei necessidade de adicionar outras cores à história, além de pessoalmente gostar mais de tons de azul e amarelo com um pouco de magenta em suas composições. Desta forma, ao invés de uma paleta de ciano, amarelo e preto, escolhi uma cor composta de azul e magenta e uma composta de amarelo e magenta como cores principais, e algumas variações de verde (figura 70). A maior parte da HQ segue em tons de cinza, mas conforme a história avança vemos as cores ganharem um espaço maior.

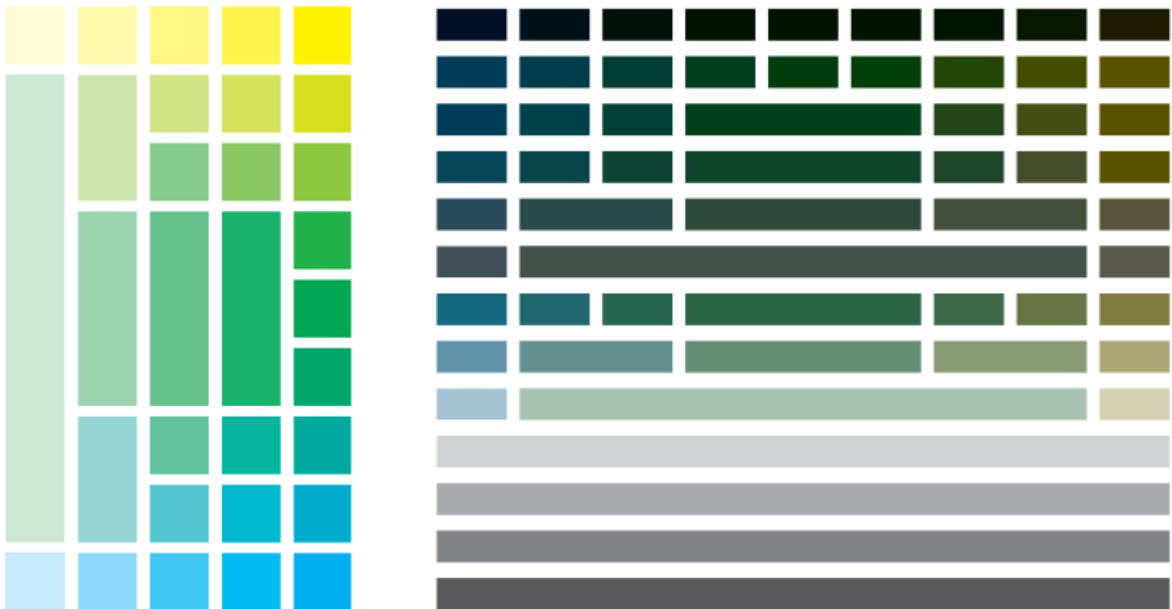


Figura 69. Paleta cromática antiga.

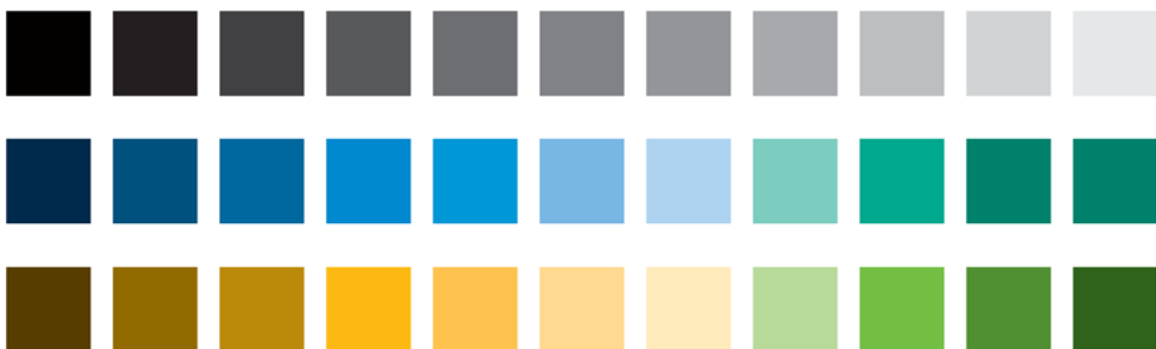


Figura 70. Nova paleta cromática.

desenvolvimento

Uma vez resolvido o roteiro geral através da jornada da heroína, e os roteiros individuais de cada capítulo, desenvolvi rascunhos de cada página e iniciei a arte final. Apesar das experimentações realizadas durante estas etapas, nesta fase da finalização decidi realizar algumas mudanças de paginação, para que a narrativa seguisse num ritmo apropriado em cada fase da história.

Para garantir a homogeneidade dos quadrinhos, desenvolvi um grid (Figura 71) no qual estabeleci as margens e uma divisão de 3x3 quadros para cada página, além das calhas mínimas. Neste arquivo base, também designei a área de sangria da página (em vermelho). A constituição e uso do grid foram importantes não apenas para a identidade da HQ mas em especial para que uma das páginas (Figura 72) tivesse o destaque necessário à narrativa, uma vez que representa um momento desorganizado da minha vida. Na página em destaque, é possível observar que os quadros contendo a narração estão dentro dessa malha prevista, pois são observações posteriores deste momento, e portanto mais organizadas emocionalmente.

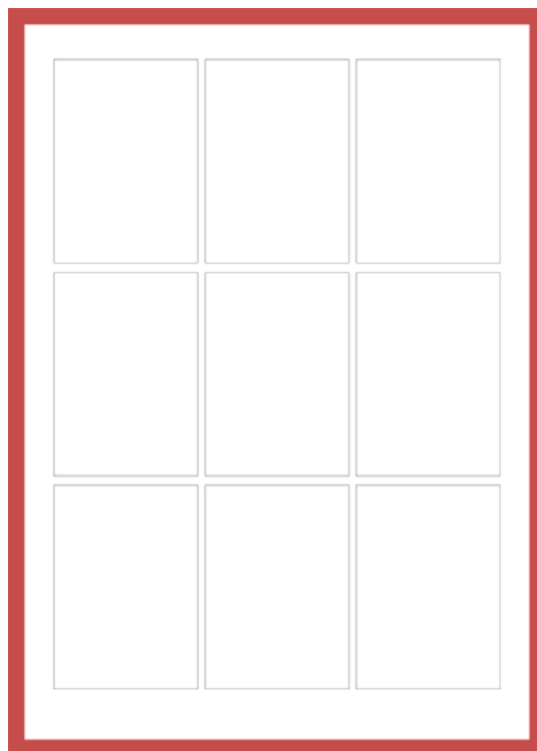


Figura 71. Grid utilizado no desenvolvimento da história



Figura 72. Página fora do grid.

Trago como exemplo a página 2 (Figura 68), que acabou se desdobrando em mais duas páginas (Figuras 73 e 74): o intuito era, além de reduzir este ritmo, ter mais espaço para o mapa da cidade universitária. Outro exemplo relevante é a página que, nos sketches era a 3 (Figura 75), e que acabou se desdobrando também duas páginas (Figuras 76 e 77), de forma a auxiliar a ideia de contemplação que gostaria de passar neste momento da narrativa.

O resultado final pode ser encontrado neste documento como anexo I.

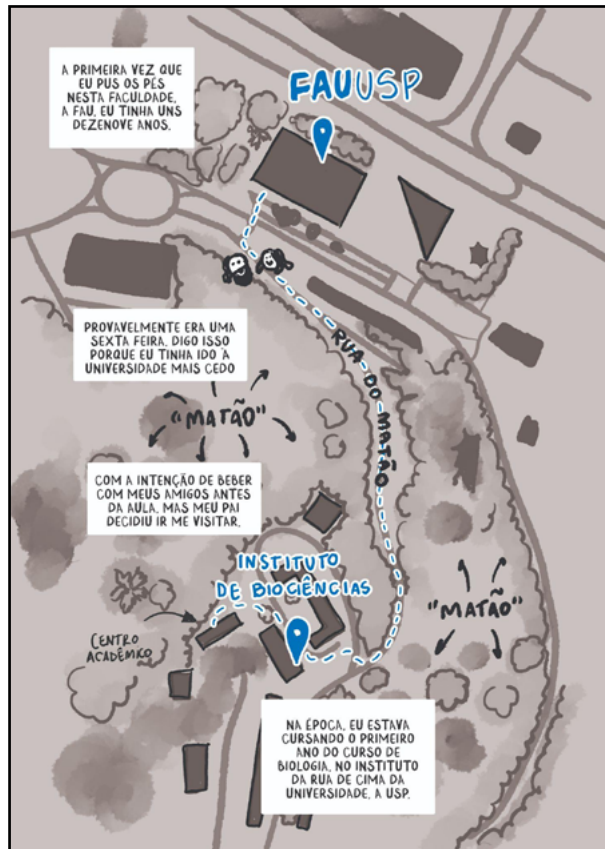


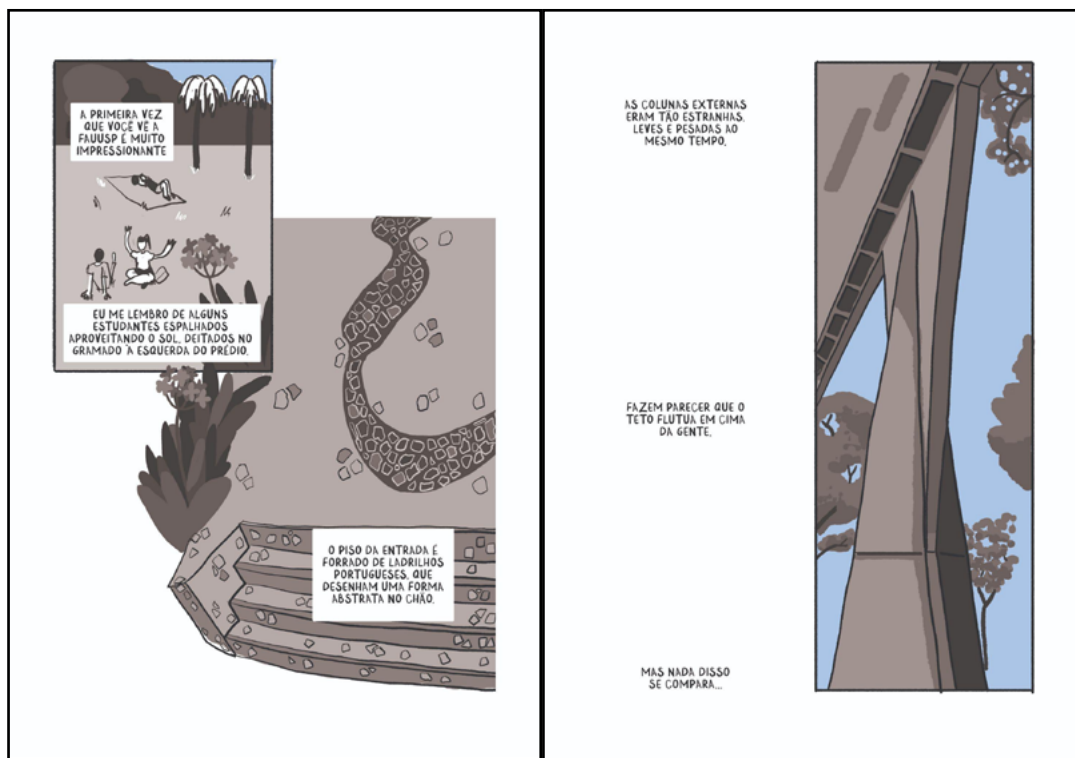
Figura 73. Página finalizadas da HQ.



Figura 74. Página finalizadas da HQ.



Figura 75. Rascunho de página posteriormente dividida em duas.



Figuras 76 e 77. Páginas finalizadas da HQ, originalmente pensadas para uma única página e posteriormente foi dividida em 2.

resultados

argumento

A HQ retrata algumas pequenas histórias sobre o desenvolvimento de uma estudante que perdeu a mãe ainda criança. Ao entrar em contato com a faculdade de arquitetura onde seus pais se conheceram e cursaram mas não finalizaram, ela decide trocar seu curso de graduação e receber este diploma “pelos três”.

A falta de informações e morte da mãe simboliza, utilizando a jornada da heroína (Figura 60), a separação do feminino. De acordo com Medeiros (2019) “Este é um período em que a mulher rejeita todas as qualidades que foram socialmente distorcidas como ‘femininas’”. Na narrativa desenvolvida neste trabalho, estes valores são representados pela criatividade e expressão.

Em seguida, há uma identificação e (re)aproximação com o pai da nossa personagem: traduzido na aproximação física onde este pai a apoia em sua decisão de troca de curso. A estrada das provações inicia-se pela falta de conexão com os colegas de curso e a solidão tão presente nesta fase da história e chega em seu ápice no acidente do pai, que o deixa acamado e deixa nossa protagonista interrompida emocionalmente.

O falso sucesso vem na percepção da proximidade com a formatura: o objetivo inicial está quase chegando mas há um sentimento de vazio e desinteresse por este objetivo. A percepção de que a protagonista viveu mais do que a mãe a liberta para que ela entre em contato com outras partes de si e ela decide embarcar numa “nova aventura”: ou novo curso de graduação. De acordo com Medeiros (2019), nesta etapa da narrativa “as heroínas, então, devem aprender a parar de somente fazer e simplesmente ser. A heroína deve ouvir sua voz interior, o que significa silenciar - dizer ‘não’ - a voz ansiosa que diz o tempo todo o que ela deve fazer.”

O início da graduação em design é marcado por introspecção e um senso de autonomia, simbolizando a descida para o “feminino obscuro” da jornada da heroína (Figura 60). Aos poucos, nossa protagonista reencontra o prazer na criatividade e autoexpressão, com a companhia de amigos que ela faz com mais facilidade no novo curso. Ela também entra em contato novamente com os quadrinhos, linguagem que amava quando criança e abandonou ao virar adulta. Para completar a “cura do feminino” de sua jornada (Figura 60), ela descobre novas informações sobre a mãe, entre elas, sua última profissão: ilustradora e diagramadora em um jornal local.

Após estas descobertas, ocorre a morte de seu pai, que funciona como catalisador final para seu lado criativo e expressivo (e “feminino”) aflorar. A protagonista acaba por abandonar o curso de graduação em função do luto, em seguida chegamos à pandemia de COVID19, ou a cura do “masculino tóxico” na nossa metodologia narrativa. O masculino tóxico é apresentado nessa história pelo perfeccionismo e pela pressão pela produtividade e ganha forças quando a protagonista decide seu futuro profissional como ilustradora e quadrinista: ela precisa produzir conteúdos de qualidade e tem uma imensidão de sentimentos em relação à situação de saúde global para explorar, mas não consegue por conta deste masculino tóxico.

Sua cura acontece no final da pandemia e na decisão de voltar ao curso: o próprio processo de trabalho no ICC funciona como um remédio ao perfeccionismo paralisante e ocorre uma integração entre o feminino criativo e o masculino metódico - o próprio volume da HQ simboliza esta integração e conclusão da jornada da heroína (Figura 60).

discussão + considerações finais

Durante o processo de desenvolvimento deste trabalho, um dos maiores obstáculos encontrados foi a necessidade de encontrar um equilíbrio entre a subjetividade das minhas lembranças e a construção de uma narrativa compreensível e envolvente para o leitor. O desafio foi selecionar as memórias mais relevantes, organizá-las de forma coerente e criar uma estrutura que permitisse ao leitor acompanhar minha jornada nos cursos da FAU, e ao mesmo tempo instigar a curiosidade dele ao longo das páginas da HQ.

Tentei desenvolver uma metodologia própria para resolver esta questão, mas, como dito anteriormente, ao entrar em contato com *A jornada da heroína* (Murdock 1990), o processo ficou mais direto e pude avançar sem tantos problemas. Mantive, no entanto, a separação de elementos que realizei na tentativa autoral de método: narração, diálogos e descrição de imagem ou emoções que eu gostaria de passar pela imagem.

Com esta distinção, pude explorar diferentes recursos narrativos e visuais, enriquecendo a história em quadrinhos que desenvolvi. A narrativa textual me permitiu contextualizar as situações, expressar reflexões e descrever processos que não poderiam ser traduzidos apenas em imagens. Os quadros são fundamentais para transmitir as emoções, os cenários e os detalhes visuais que compõem minha trajetória, além de ditarem o tempo

de leitura e transmitirem ao leitor a passagem do tempo. Já os balões de fala permitem um entendimento de quem são os personagens para além da minha perspectiva, apesar de sempre estarem ligadas à minha memória.

Cada obstáculo superado me aproximou cada vez mais do meu objetivo de olhar para a minha história e aumentou para mim a importância do autoconhecimento como ferramenta da autonomia emocional. Da mesma forma, cresceu em mim o apreço aos quadrinhos como linguagem legítima e impactante na comunicação e conexão humana.

Durante o tempo que pude dedicar à produção dessa HQ, cheguei cronologicamente no que seria a metade da minha história na FAUUSP, ou seja, minha transferência para o curso de design - ou à descida para o 'feminino obscuro' na jornada da heroína (Figura 60). Foi possível desenhar um total de 36 páginas, que compõem um volume de 42 páginas em impresso (com espaçamentos entre capítulos) ou 38 páginas em formato digital. Apesar da minha experiência prévia com quadrinhos, esta foi a primeira execução de uma história mais longa, e portanto obtive um aprendizado valioso sobre diversos aspectos: principalmente sobre métodos de trabalho, tanto no desenvolvimento de roteiro quanto em relação ao projeto gráfico e o pensar de cada página.

No futuro próximo, pretendo adicionar cerca de 48 páginas ao volume, dando continuidade à história a partir da entrada no curso de design até minha formatura. Neste período, uma série de outros eventos significativos aconteceram, entre eles: uma série de descobertas sobre minha mãe, entre elas sua última profissão: ilustradora e diagramadora num jornal de São Paulo. Além disso, também ocorre a morte do meu pai seguida da pandemia de COVID19. Acredito que estes eventos são importantes para a HQ ter um final satisfatório, como obra, e para mim em relação ao meu crescimento pessoal. Nesta segunda parte, pretendo explorar mais histórias sobre minha própria autenticidade e menos sobre a história dos meus pais, mas ainda tendo a FAUUSP como plano de fundo.

referências bibliográficas

A HISTORY of storytelling through pictures. British Museum, 24 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/blog/history-storytelling-through-pictures>. Acesso em 23 de junho de 2023.

BECHDEL, A. **FunHome. Uma tragicomédia em família.** São Paulo: Todavia, 2018.

BECHDEL, A. **Você é minha mãe? Um drama em família.** São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2013.

BECHDEL, ALISON. **Dykes to Watch Out For, 2023.** Buying Original Pages from Fun Home and Are You My Mother?. Disponível em: <https://dykestowatchoutfor.com/art-sales/>. Acesso em: 23 de junho de 2023

BERICAT, E. **Emotions.** Sevilla. 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/51410166.pdf> Acesso em 22 de junho 2023.

BONEVAC, D. **Heidegger on Authenticity.** Youtube, 15 de junho de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/vy47Zx2QeOs>. Acesso em 23 de junho de 2023.

BROWN. B. **A Coragem de Ser Imperfeito.** São Paulo: Sextante, 2016. Ebook.

BUI, T. **O melhor que podíamos fazer: memórias gráficas.** São Paulo: Nemo, 2017.

Campbell, J. **O herói de mil faces.** São Paulo: Pensamento, 1989.

CAU, M. **Pieces: parte de mim.** Campinas: Publicação Independente, 2020.

CAU, M. **Pieces: partes do todo.** Nova Iguaçu: Jupati Books, 2016.

CAU, M.; GORDON, R.; KURCIS, M. **Terapia vol 1.** Barueri: Novo Século Editora, 2013..

CAU, M.; GORDON, R.; KURCIS, M. **Terapia vol 2.** Campinas: Publicação Independente, 2022.

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Sequencial.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. Ethics: subjectivity and truth. the essential works of Michel Foucault 1954-1984. Volume One. The New Press: 1997. Disponível em: https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Foucault_Ethics_Concern_Self.pdf. Acesso em 23 de junho de 2023.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Ebook

MAYER, F.W. **The Storytelling Animal**. in: Narrative Politics: Stories and Collective Action. 2014 Disponível em: <https://academic.oup.com/book/4069/chapter-abstract/145755693>. Acesso em: 23 de junho de 2023.

MCCLLOUD, S. **Desenhando Quadrinhos**. São Paulo: Mbooks, 2006.

MCCLLOUD, S. **Desvendando Quadrinhos**. São Paulo: Mbooks, 1993.

MEDEIROS, S. G. **A Jornada da Heroína: Estrutura Narrativa para Roteiros de Ficção**. Tese (Mestrado em Escrita Criativa) Escola de Humanidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. p.151. 2019.

MURDOCK, M. **A jornada da heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

NESTROVSKI, S.; SALLES, D. **Viagem em volta de uma ervilha**. São Paulo: Veneta, 2019.

SAMARA, T. **Ensopado de design gráfico**. São Paulo: Blucher, 2010.

VÓ, P. **Orbital**. São José do Rio Preto: Balão Editorial, 2022.

VÓ, P. **Shallow Spaces**. São Paulo: Publicação Independente, 2017.

VOGLER, C. **A jornada do escritor Estrutura mítica para escritores**. 3ª ed. São

Paulo: Aleph, 2015.

ZOUVI, A. de A. **A performance autobiográfica nos quadrinhos: um estudo de Alison Bechdel**. Tese (Mestrado em Teoria e História Literária na área de Teoria e Crítica Literária) Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p.136. 2015.

anexo I



DIMDUM



Dimdum

Raquel Abe



ESTA SOU EU

FINALMENTE ESTOU
NO ÚLTIMO ANO DA
UNIVERSIDADE..

...DEPOIS DE QUASE
QUINZE ANOS ESTUDANDO.



ME CHAMO
RAQUEL.

Essa aula
foi jóia, hein
tchurma?

Nossa a
prôfe falou
muito hoje

Demais ela é
super based!

E NA VERDADE EU NÃO
SOU TÃO VELHA.



TENHO TRINTA E
QUATRO ANOS.

MAS A CONVIVÊNCIA
CONSTANTE COM
GENTE NA FAIXA DOS
DEZOITO AOS VINTE E
POUCOS ANOS

Salve, Rique!
Vai colar na
deixa em off
amanhã?

Lógico! Mas vou
ter que rushar porque
minha folga foi de
arrasta pra cima

ME FAZ ME SENTIR
BEM MAIS VELHA.

A PRIMEIRA VEZ QUE
EU PUS OS PÉS
NESTA FACULDADE,
A FAU, EU TINHA UNS
DEZENOVE ANOS.

FAUSP

PROVAVELMENTE ERA UMA
SEXTA FEIRA. DIGO ISSO
PORQUE EU TINHA IDO À
UNIVERSIDADE MAIS CEDO

"MATÃO"

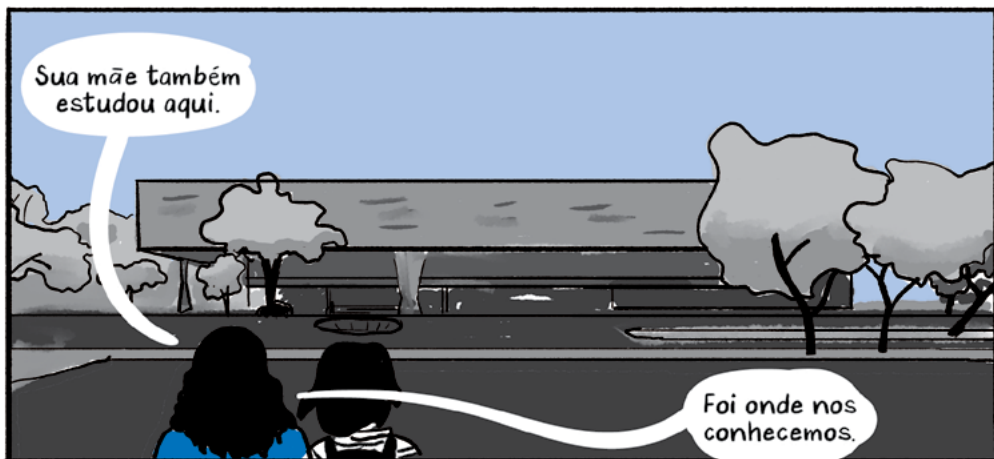
COM A INTENÇÃO DE BEBER
COM MEUS AMIGOS ANTES
DA AULA, MAS MEU PAI
DECIDIU IR ME VISITAR.


INSTITUTO
DE BIOCIÊNCIAS

CENTRO
ACADÊMICO

"MATÃO"


NA ÉPOCA, EU ESTAVA
CURSANDO O PRIMEIRO
ANO DO CURSO DE
BIOLOGIA, NO INSTITUTO
DA RUA DE CIMA DA
UNIVERSIDADE, A USP.





A PRIMEIRA VEZ
QUE VOCÊ VÊ A
FAUSP É MUITO
IMPRESSIONANTE

EU ME LEMBRO DE ALGUNS
ESTUDANTES ESPALHADOS
APROVEITANDO O SOL, DEITADOS NO
GRAMADO À ESQUERDA DO PRÉDIO.



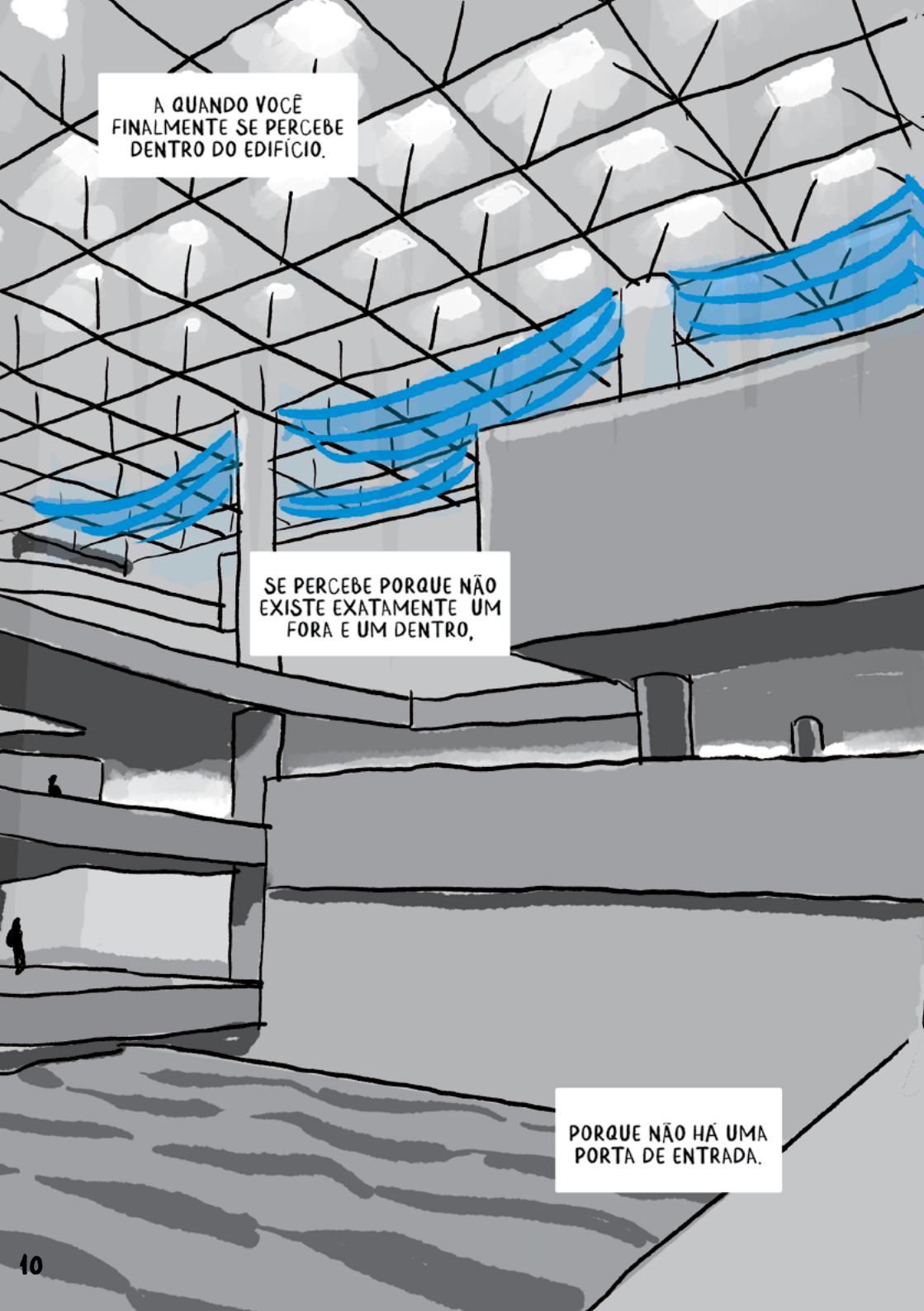
O PISO DA ENTRADA É
FORRADO DE LADRILHOS
PORTUGUESES, QUE
DESENHAM UMA FORMA
ABSTRATA NO CHÃO.

AS COLUNAS EXTERNAS
ERAM TÃO ESTRANHAS.
LEVES E PESADAS AO
MESMO TEMPO.

FAZEM PARECER QUE O
TETO FLUTUA EM CIMA
DA GENTE.

MAS NADA DISSO
SE COMPARA...

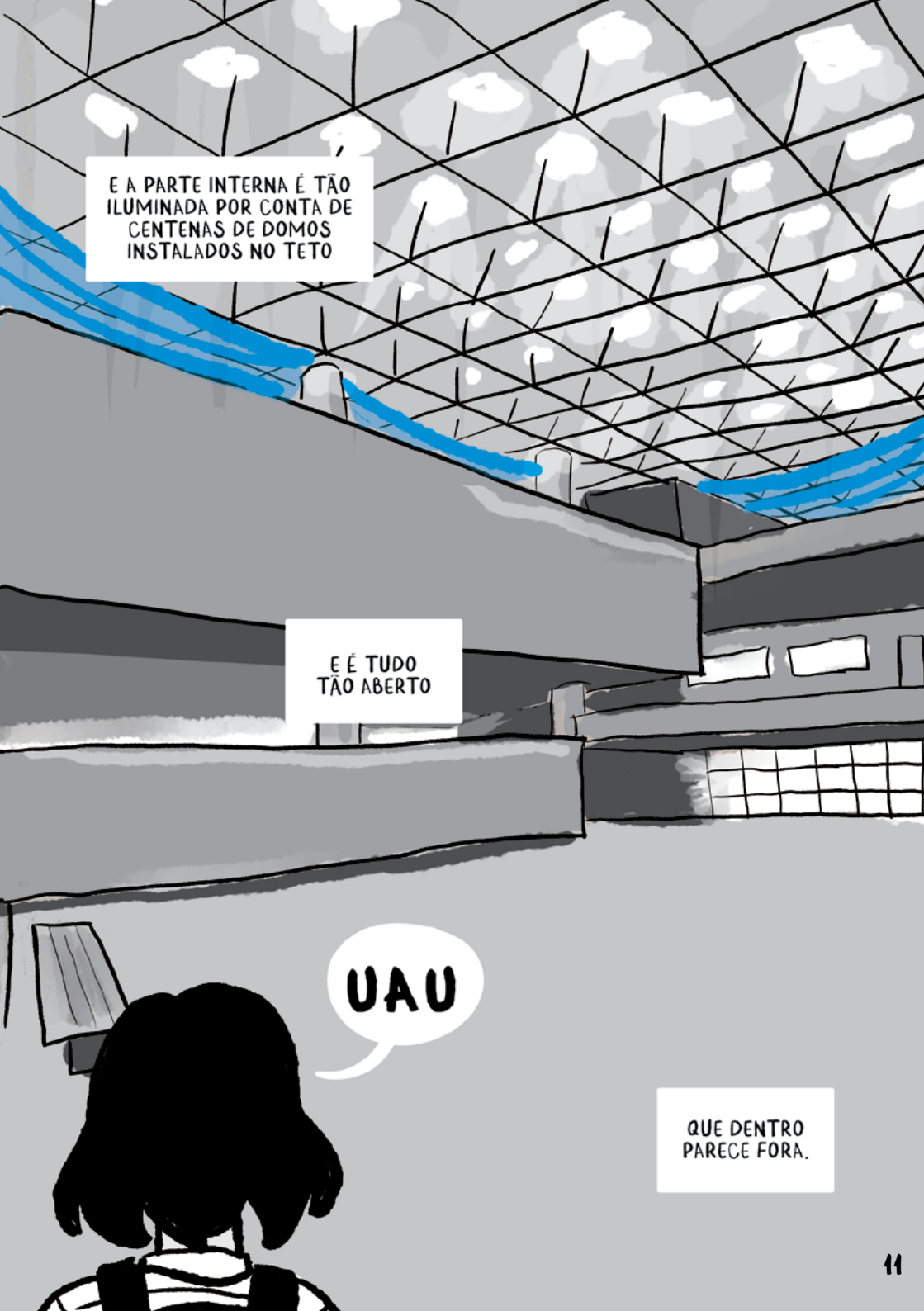




A QUANDO VOCÊ
FINALMENTE SE PERCEBE
DENTRO DO EDIFÍCIO.

SE PERCEBE PORQUE NÃO
EXISTE EXATAMENTE UM
FORA E UM DENTRO,

PORQUE NÃO HÁ UMA
PORTA DE ENTRADA.




E A PARTE INTERNA É TÃO
ILUMINADA POR CONTA DE
CENTENAS DE DOMOS
INSTALADOS NO TETO

E É TUDO
TÃO ABERTO

UAU

QUE DENTRO
PARECE FORA.



LOGO QUE ENTREI, NÃO SOUBE DIZER QUANTOS ANDARES EXISTIAM NO PRÉDIO. TIVE QUE PARAR PARA CONTAR.

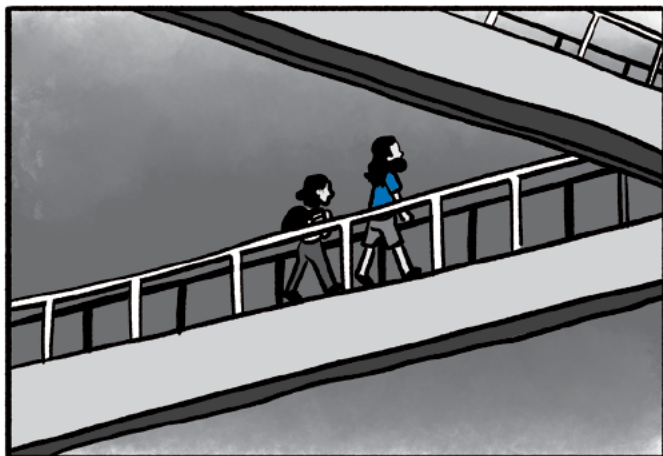
Na minha época, eu vinha de bicicleta.

Subia tudo, pedalando pelas rampas,

e largava a bike na porta do estúdio,

que é onde a gente ficava a maior parte do dia.

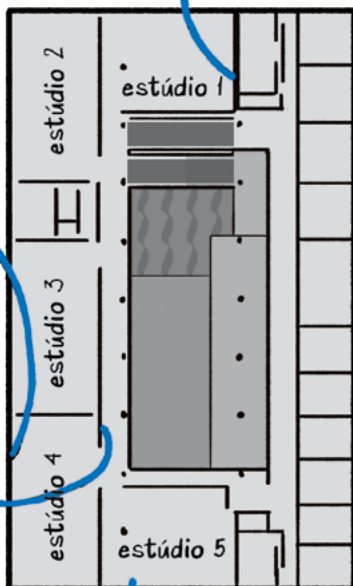
FOI TUDO TÃO CONFUSO.



MAIS TARDE DESCOBRI QUE, QUANDO PROJETOU O EDIFÍCIO, O ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS PRETENDIA QUE A SENSÇÃO AO USAR O PRÉDIO FOSSE DE ESTAR EM UM ESPAÇO QUE EXTRAPOLA OS PISOS TRADICIONAIS.

(EU ACHO QUE DEU CERTO)





O QUE MAIS ME TOCOU NESSA VISITA FOI PERCEBER A LIBERDADE QUE ELE SENTIU PARA MARCAR AS PAREDES DA UNIVERSIDADE DAQUELA FORMA.

NESSA ÉPOCA, EU NÃO CONSEGUIA CONCEBER A OUSADIA DE ALTERAR UM ESPAÇO OU DE ME EXPRESSAR PUBLICAMENTE.

EU MAL CONSEGUIA OCUPAR UM ESPAÇO. QUANTO MAIS ALTERÁ-LO.

EU TAMBÉM TINHA MUITA DIFICULDADE EM ME EXPRESSAR, EM QUESTIONAR E EM ME IMPOR.

E COMO O ASSUNTO "MINHA MÃE" ERA UM GRANDE TABU EM TODOS OS MEUS CÍRCULOS FAMILIARES...

... EU NUNCA PERGUNTEI COMO ELE CONHECEU MINHA MÃE.



POUCO DEPOIS DAQUELA VISITA, EU DECIDI TROCAR DE CURSO.

ESTUDAR ARQUITETURA SOB ESSE MESMO TETO QUE MEUS PAIS SE CONHECERAM PARECIA AO MESMO TEMPO UMA AVENTURA E UM DESTINO INEVITÁVEL.



A MINHA MATRÍCULA NA ARQUITETURA FOI UMA DAS ÚNICAS VEZES QUE VI MEU PAI CHORAR.

E ESTE FOI UM DOS ABRAÇOS MAIS APERTADOS QUE ME LEMBRO DE RECEBER.

O PRIMEIRO SEMESTRE
FOI MUITO MAIS DIFÍCIL
DO QUE EU ESPERAVA.



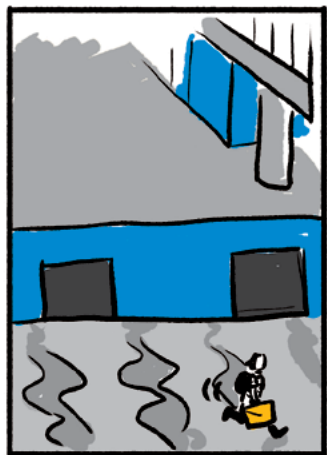
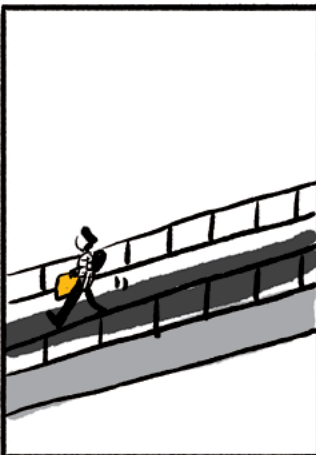
EU ALMOÇAVA
SOZINHA



FUMAVA SOZINHA
NOS INTERVALOS
DAS AULAS



E MESMO QUANDO
FINALMENTE FIZ
ALGUNS AMIGOS NA
SALA, A SENSÇÃO DE
NÃO PERTENCIMENTO
PERSISTIU.

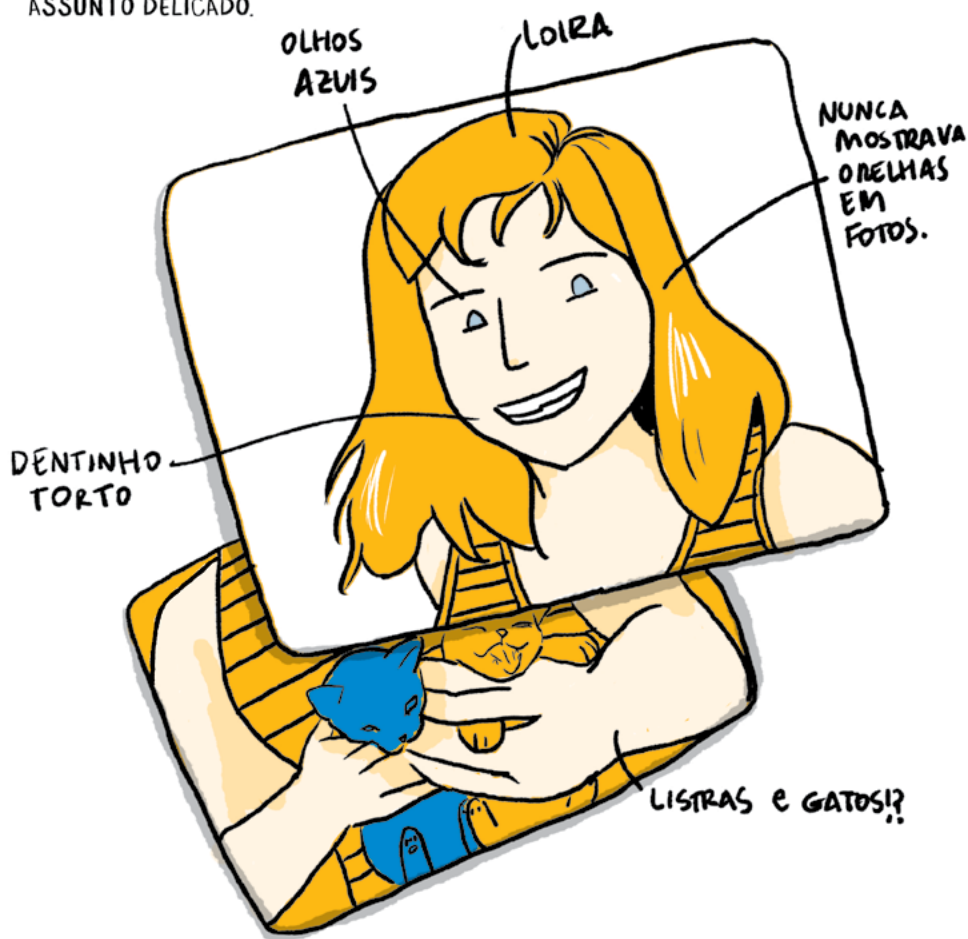




SOLANGE:

EU NUNCA SENTI A
LIBERDADE DE PERGUNTAR
MUITO SOBRE ELA PRA
MINHA FAMÍLIA.
AINDA CRIANÇA EU
ENTENDI QUE ERA UM
ASSUNTO DELICADO.

NASCEU: 14/06/1966
FALECEU: ? | ? | 1992



- ENTROU NA FAUUSP EM : 1985
- CONHECEU MEU PAI EM ?
- EU NASCI EM FEV/1989

- SEPAROU DO MEU
PAI EM 1990



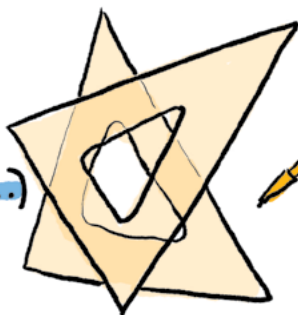
MEUS AVÓS FICAVAM
DESOLADOS QUANDO
TINHAM QUE LIDAR COM A
LEMBRANÇA DA FILHA QUE
PERDERAM.

ENTÃO, A MINHA VIDA
TODA A PRESENÇA DELA SE
FEZ NA AUSÊNCIA.



A "ARTISTA
DA FAMÍLIA"

(MAS NUNCA VI UM
DESENHO DELA.)

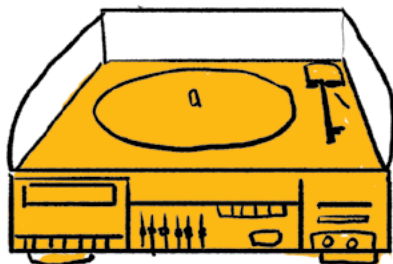


GOSTAVA DE GEOMETRIA E
APRENDEU PERSPECTIVA AINDA
CRIANÇA.



MINHA TIA
GUARDAVA UM
TREVO DE QUATRO
FOLHAS QUE
PERTENCEU A ELA.

(NÃO SEI ONDE)



GOSTAVA DE
MÚSICA.
(NÃO SEI QUAIS,
MAS HERDEI O
TOCA-DISCOS)





EU ACHO QUE O LUTO É UM PROCESSO QUE DURA TODA A VIDA. EM ESPECIAL QUANDO A PESSOA QUE MORREU É TÃO FUNDAMENTAL.



E EU ESTAVA NUMA FASE DE ACEITAÇÃO NO MEU PROCESSO DE LUTO.

Será que vocês tem guardado aí um currículo de 1985?

...NÃO DA MORTE DA MINHA MÃE.



MAS DA VIDA DELA.

Obrigada.

COM O HISTÓRICO DELA (E DO MEU PAI) EM MÃOS PUDE ENTENDER UM POUCO MELHOR NO QUE A GENTE ERA PARECIDA. E ESTAS INFORMAÇÕES ME DERMAM UM POUCO MAIS DE PAZ POR UM TEMPO.

NO FINAL DESTA PRIMEIRO ANO, COMECEI A IR À TERAPIA E AS COISAS FORAM MELHORANDO AOS POUCOS

ENTENDI MELHOR COMO ESTAR NA FACULDADE SEM SER "ASSOMBRADA" PELA MINHA MÃE

FIZ BONS AMIGOS,

Pessoal trago Ô-TI-MAS notícias



Estamos na época de PI-TAN-GA.



E o senhor Vitor vai nos ajudar a colhê-las.

Mas porque eu?



Porque você é o mais alto, É ÔB-VIO.

EU AMO PITANGA

se acostuma que daqui um mês já começam as amoras viu

se acostuma que daqui um mês já começam as amoras viu



NA USP É COMUM
ENCONTRAR ÁRVORES
FRUITIFERAS.

NA FAU, TEMOS
PITANGAS E AMORAS.



Racka a gente
vai no FÓTOFAU
revelar os
filmes

ENCONTREI PESSOAS
COM OS MESMOS
INTERESSES QUE EU

Tá bem, eu tenho
algumas fotos
ainda pra tirar,
encontro vocês
lá mais tarde

CLICK

CLICK

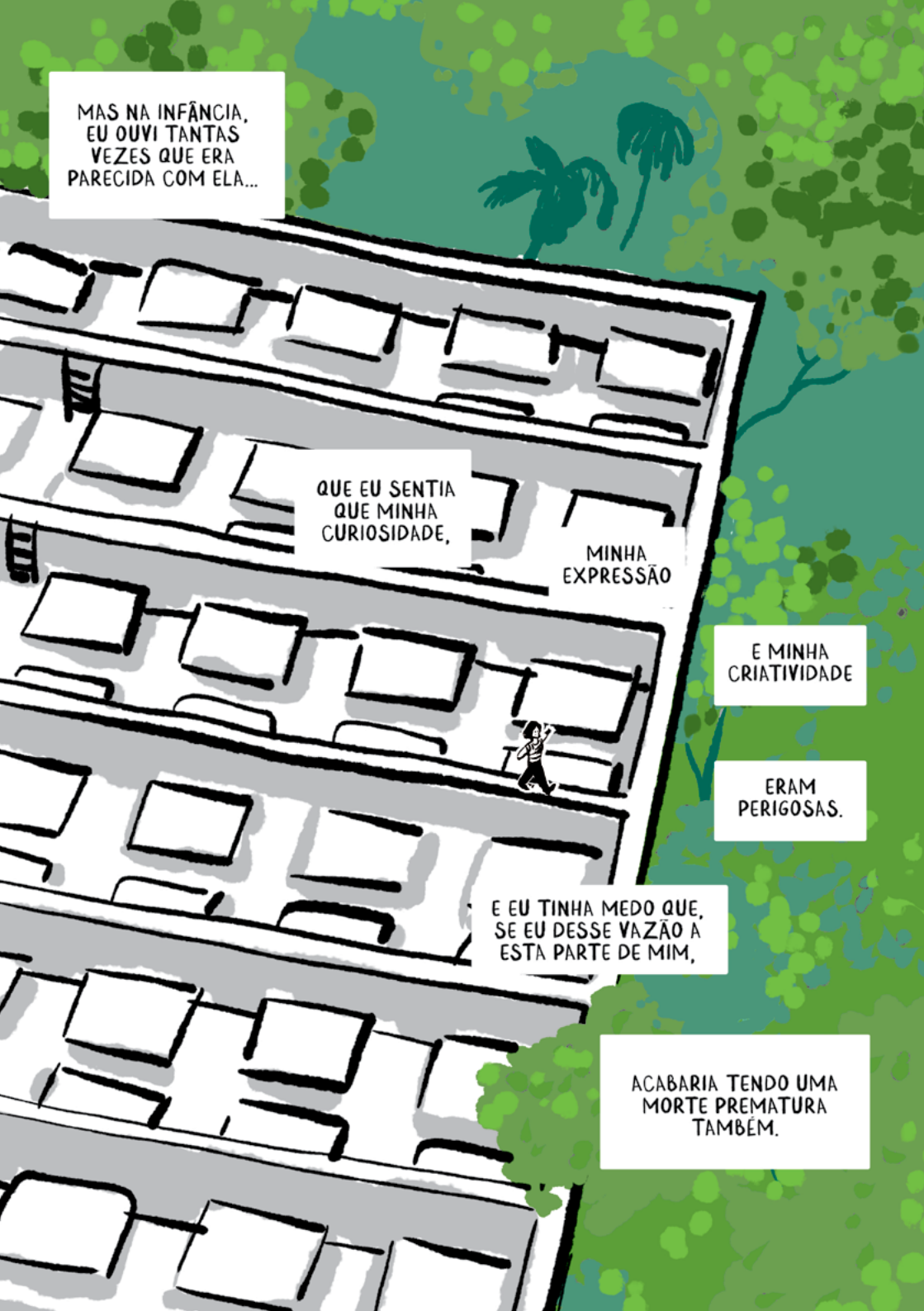
CLICK

E ATÉ COMECEI A
EXPLORAR MELHOR O
ESPAÇO DA FACULDADE.

Uhm será que
a saída para
os domos está
aberta?

CÉU





MAS NA INFÂNCIA,
EU OUVI TANTAS
VEZES QUE ERA
PARECIDA COM ELA...

QUE EU SENTIA
QUE MINHA
CURIOSIDADE,

MINHA
EXPRESSION

E MINHA
CRIATIVIDADE

ERAM
PERIGOSAS.

E EU TINHA MEDO QUE,
SE EU DESSE VAZÃO A
ESTA PARTE DE MIM,

ACABARIA TENDO UMA
MORTE PREMATURA
TAMBÉM.

COM A TERAPIA
COMECEI A PEDIR AJUDA
PRO MEU PAI, PARA
TENTAR ME CONECTAR
MELHOR COM ELE.

DEPOIS QUE EU NASCI,
ELE TAMBÉM DESISTIU
DE SE FORMAR EM
ARQUITETURA.



COM A EXPERIÊNCIA
QUE ELE GANHOU NO
**LABORATÓRIO DE
MATERIAIS E
ESTRUTURAS** DA
FACULDADE, COMEÇOU
A TRABALHAR FAZENDO
E CONSERTANDO
MÓVEIS, E NUNCA MAIS
PAROU.



COMO FUI CRIADA PELOS PAIS DA MINHA MÃE, NUNCA CONVIVI MUITO COM ELE.



...Mas semana que vem vou ter entrega de projeto, você me ajuda?



Claro! Tenho muito material pra te ajudar com projeto!

NOS VÍAMOS TODOS OS FINS DE SEMANA, ATÉ A MINHA ADOLESCÊNCIA, QUANDO NOSSOS ENCONTROS FICARAM MAIS ESPAÇADOS PORQUE "PRECISEI" USAR MUITOS DOS FINS DE SEMANA PARA SAIR COM AMIGOS.

MAS AGORA EU SENTIA A FALTA DELE



...



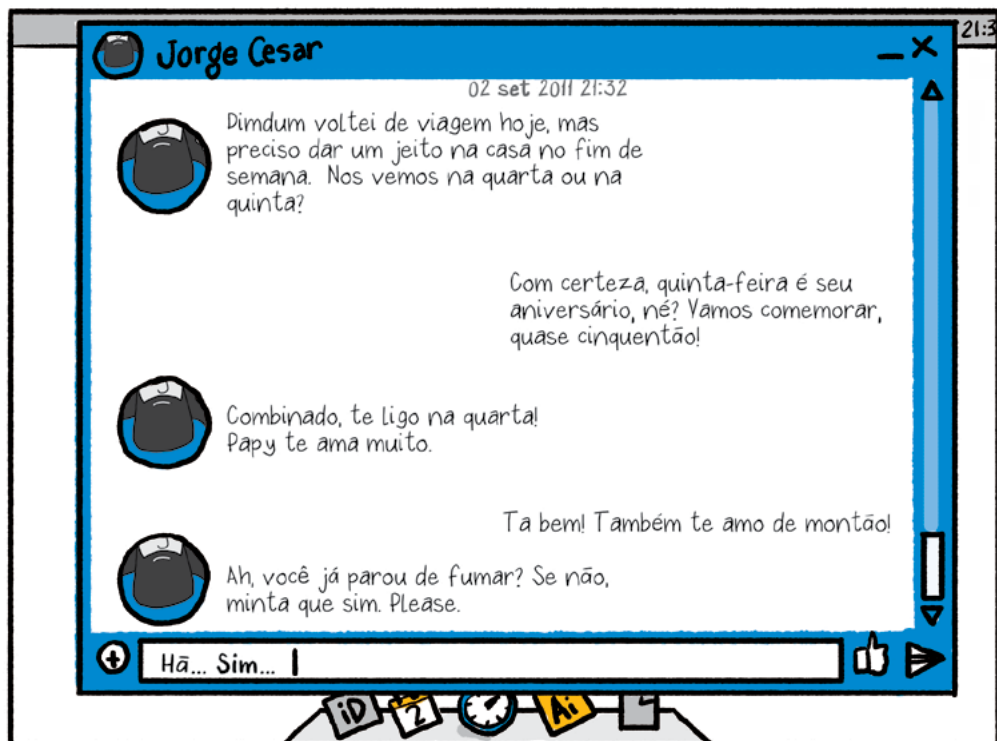
E SABIA QUE ELE SENTIA A MINHA TAMBÉM.

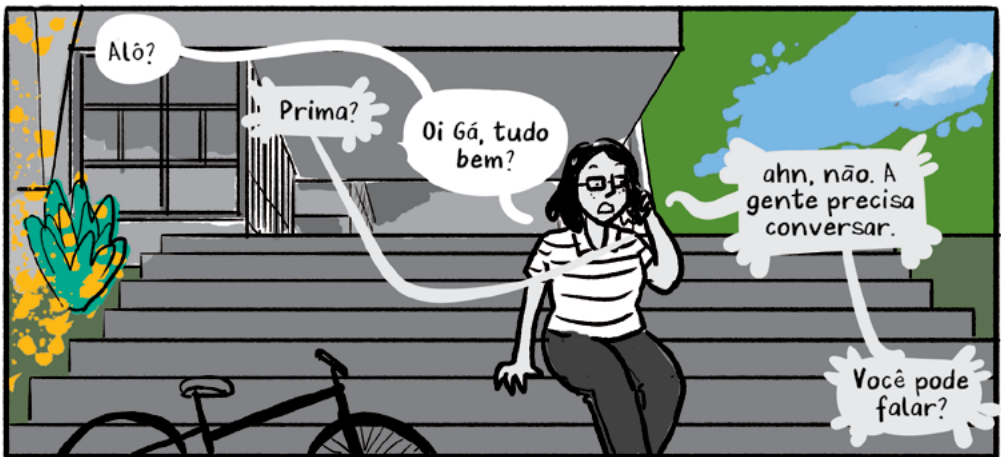
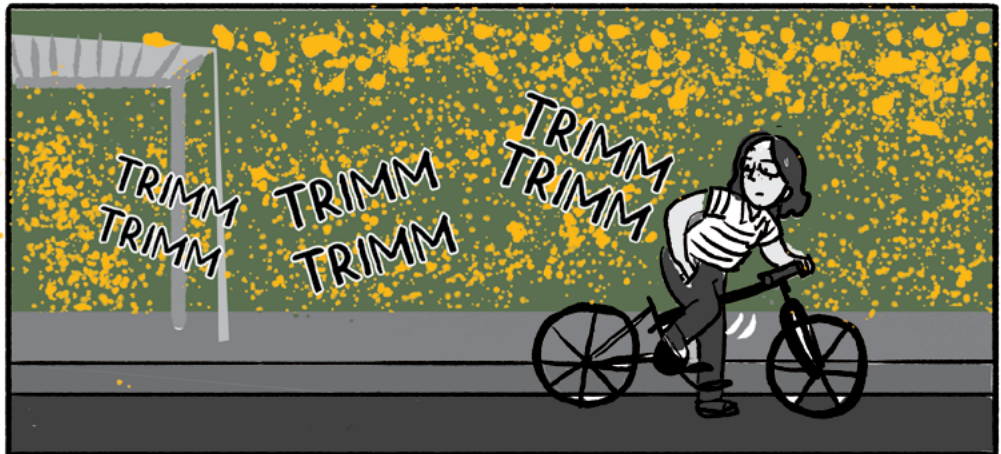
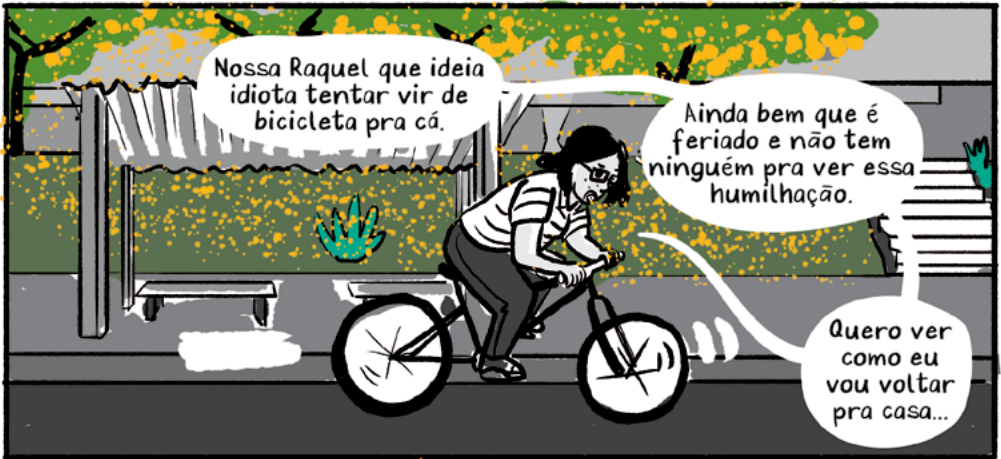
Papy tem muito orgulho de você, filha. Te amo.

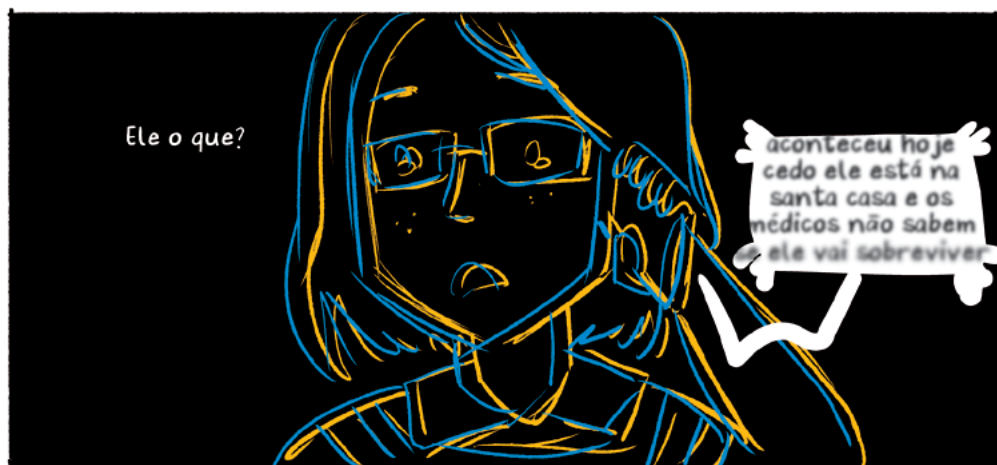
Daqui um mês eu vou pra Holanda de novo, que sua tia me chamou. Você vai ficar bem, né?



Vou sim, pai. também te amo muito.







LESÃO AXONAL DIFUSA (LAD):

Condição grave, decorrente de diversas lesões na matéria branca e cinza do cérebro. Resultante de forças traumáticas de cisalhamento que ocorrem quando a cabeça é acelerada ou desacelerada rapidamente, como em acidentes de carro, quedas e agressões. O resultado da LAD frequentemente é o coma, e 90% dos pacientes nunca voltam consciência, enquanto a maioria dos 10% restante sofrem de sequelas diversas para o resto da vida.



O ACIDENTE FEZ COM
QUE MEU PAI FICASSE
ACAMADO, PARALISADO
DO LADO DIREITO E
PERDESSE MUITO DA
PERSONALIDADE DOCE,
DA MEMÓRIA E DO
RACIOCÍNIO

NÃO HAVIA
PROGNÓSTICO DE
MELHORA.

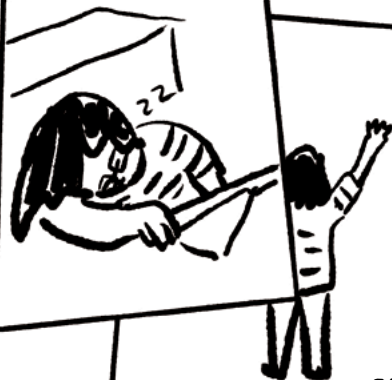
E NEM DE UMA
PIORA DEFINITIVA.

TODAS AS REFLEXÕES
DA TERAPIA SOBRE
MINHA NECESSIDADE DE
CRIAR E ME EXPRESSAR
DERAM LUGAR À
VONTADE DE EU ME
FORMAR O QUANTO
ANTES, NA INTENÇÃO DE
EU ME RESPONSABILIZAR
PELOS CUIDADOS DELE.
CASO FOSSE
NECESSÁRIO.



(MAS NO FUNDO EU
ACREDITAVA QUE ELE
VOLTARIA AO NORMAL DE
UM DIA PARA O OUTRO E
EU QUERIA ESTAR
FORMADA NA
ARQUITETURA QUANDO
ISSO ACONTECESSE.)

MINHAS MEMÓRIAS ENTRE
ENTRE O ACIDENTE E 2015
TAMBÉM FICARAM
DIFUSAS.



EM 2015, FALTAVAM
POUCAS DISCIPLINAS
PARA EU FINALMENTE
TERMINAR O CURSO E
EU ESTAVA
DESCONTEnte COM A
GRADUAÇÃO E AS
POSSIBILIDADES DE
TRABALHO.

NÃO ME VIA
TRABALHANDO EM
OBRAS OU ESCRITÓRIOS
NO FUTURO.



É, são 14:05...



Ah, é do outro lado da rua, na FEA*. Eu chego rápido.



Mas pera, estágio de quê lá na FEA?



Edição de vídeo.

Ah, faz sentido pra você, eu acho.

Eu também acho, haha. tchau!

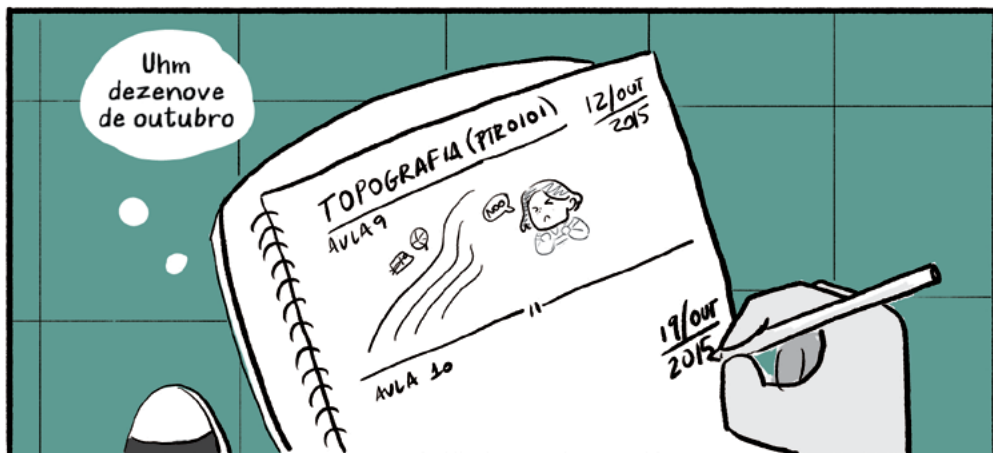


TAMBÉM FOI MAIS OU MENOS NESTA ÉPOCA QUE EU ENTENDI QUE EU NUNCA IRIA CONSEGUIR CUIDAR DO MEU PAI.

NÃO POR FALTA DE CAPACIDADE MINHA.

MAS PELAS CARACTERÍSTICAS DO TIPO DE LESÃO QUE ELE TEVE.

* FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO



EU COMPLETEI 26 ANOS EM FEVEREIRO DAQUELE ANO, E DESCOBRI QUE MINHA MÃE FALECEU AOS 26 ANOS E ALGUNS MESES.

QUANDO FINALMENTE ME DEI CONTA QUE EU HAVIA VIVIDO MAIS DO QUE ELA...



FOI QUANDO SENTI QUE EU TINHA ALGUM PODER SOBRE MINHA VIDA, MEU DESTINO E PERCEBI QUE NÃO TINHA NENHUM PODER SOBRE A VIDA (E A MORTE) DOS MEUS PAIS.



A ARQUITETURA PERDEU COMPLETAMENTE O SENTIDO.



ENTÃO, PRESTES* A CONQUISTAR O TÃO DESEJADO DIPLOMA DE ARQUITETURA, TOMEI A DECISÃO MAIS DIFÍCIL DOS ÚLTIMOS TEMPOS:



*SE UM DIA EU FOSSE APROVADA EM TOPOGRAFIA

SESSÃO
DE
ALUNOS



Oi, quero fazer
transferência para o
curso de design.